

XII ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI



Ribeirão Preto, 12 a 16 de fevereiro de 2007.

XII ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI*

Ribeirão Preto, 12 a 16 de fevereiro de 2007.

DESENVOLVIMENTO HUMANO

* CINDEDI

Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil
Departamento de Psicologia e Educação
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo

INICIANDO MAIS UM ENCONTRO DO CINDEDI

Raros são os grupos de pesquisa que se mantêm e crescem por mais de 25 anos!

E esse crescimento foi exigindo a realização de encontros anuais, onde pudéssemos discutir as pesquisas realizadas pelos vários subgrupos que compõem o CINDEDI, tanto com os colegas do grupo, como com os pesquisadores convidados.

Chegamos agora ao 12º Encontro Científico, e ao término do terceiro Projeto Temático da FAPESP, nossa grande fonte de recursos.

E resolvemos centrar nossas discussões no tema que sempre permeou todas as nossas investigações: *o processo de desenvolvimento humano*.

E o que é desenvolvimento humano em uma perspectiva, como a *Rede de Significações*, a qual se propõe a analisar as contínuas mudanças das pessoas em interação em diferentes contextos, levando sempre em conta diversas ordens de circunscritores que estabelecem limites e possibilidades para essas mudanças?

Processo no qual a dialogia e as significações, situadas a cada momento em um meio (*milieu / moyen*) específico, exercem um papel central?

Inúmeras perguntas e reflexões a respeito do tema poderão ser feitas neste Encontro a partir dos trabalhos de pesquisa e dos relatos de experiência apresentados pelo grupo.

Sejam todos bem vindos a essa discussão, a qual deverá nos auxiliar na elaboração do relatório e do novo projeto temático!

Bom trabalho e um grande abraço a todos!

Profª Dra. Maria Clotilde Rossetti-Ferreira

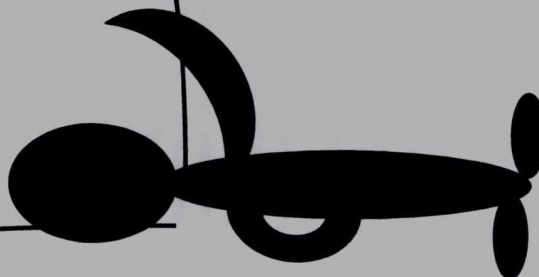
AGRADECIMENTOS

- À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP;
- Ao Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP – USP;
- Às Professoras convidadas: Profª Dra. Ana Almeida Carvalho, Profª Dra. Ana Luíza Smolka (Unicamp), Profª Dra. Maria Isabel Pedrosa (UFPE), Profª Marisa Vasconcelos Ferreira, Profª Luciane Andrade;
- À FAPESP, pelo financiamento do Projeto Temático;
- Ao CNPQ, pelas bolsas de produtividade.

PROGRAMA DO XII ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINEDI

Manhã	2ª Feira (12/02)	3ª Feira (13/02)	4ª Feira (14/02)	5ª Feira (15/02)	6ª Feira (16/02)
		8h.30min: "Desenvolvimento Humano: uma discussão de concepções e contradições" Profª Dra. Ana Luíza Smolka (Unicamp) 10h: "A ontogênese da criança: uma reflexão sobre caminhos possíveis" Profª Dra. Maria Isabel Pedrosa (UFPE)	8h.30min: "O currículo para educação infantil e o currículo de formação de professores: distâncias e aproximações" Profª Marisa Vasconcelos Ferreira 09h.40min: "Rede de Significações e a construção do sentido de si" Profª Dra. Zilma M. R. Oliveira 10h.20min: "Identidade de educadoras de creche num processo de formação no nível médio" Deilma Bezerra	8h.30min: "Discussão sobre desenvolvimento, diálogo e significação" 8h.40min: Sub-grupo: Profª Dra. Maria Clotilde Rossetti-Ferreira 10h: Sub-grupo: Profª Dra. Ana Paula Soares da Silva	8h.30min: Relato e balanço do encontro Profª Dra. Maria Isabel Pedrosa (UFPE) Luciana Rodrigues Jaqueline Cremppe Debate e fechamento
Tarde	11h – Apresentação e debate de painéis sobre relatos de experiências em Creches (debatedoras: Profª Dra. Maria Clotilde Rossetti-Ferreira e Profª Dra. Ana Paula Soares da Silva)	13h-15h: Apresentação painéis subgrupos: Profª Dra. Maria Ignez Campos de Carvalho, Prof. Dr. Reinaldo Furlan e Profª Dra. Katia de Souza Amorim	13h-15h: Apresentação painéis subgrupos: Profª Dra. Maria Ignez Campos de Carvalho, Prof. Dr. Reinaldo Furlan e Profª Dra. Katia de Souza Amorim	14h: Sub-grupo: Profª Dra. Maria Ignez Campos de Carvalho 15h: Sub-grupo: Profª Dra. Katia de Souza Amorim 16h: Sub-grupo: Prof. Dr. Reinaldo Furlan	
	15h: Abertura Profª Dra. Maria Clotilde Rossetti-Ferreira 15h.30min: "Desenvolvimento Humano: há questões novas?" Profª Dra. Ana Almeida Carvalho 17h.30min: Coquetel de abertura	15h: "Por uma arqueologia do sentido: Merleau-Ponty e a psicologia da criança" Prof. Dr. Reinaldo Furlan Prof. Dr. Danilo Saretta Veríssimo 16h: Debatedora: Profª Dra. Katia de Souza Amorim	15h: "Formação de professores em reflexões a partir da Rede de Significações" Profª Luciane Andrade 15h.40min: Debatedora: Profª Dra. Maria Clotilde Rossetti-Ferreira		

RESUMOS DOS PAINÉIS



Pós-DOUTORADO

FAMÍLIAS ACOLOHEDORAS: UMA ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO. Costa, N.R.A. & Rossetti-Ferreira, M.C. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Os programas de acolhimento de crianças e adolescentes necessitados de proteção em famílias temporárias (famílias acolhedoras) têm ganhado espaços importantes de discussão no âmbito do desenvolvimento de políticas públicas, no meio científico-acadêmico e jurídico. Eles tendem a ser implantados em todo Brasil como diretriz do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Tal medida, fundamentada no direito da criança e do adolescente de crescer em um ambiente que lhes garanta convivência familiar e comunitária, já vem sendo implantada em várias cidades do Brasil e em algumas do Estado de São Paulo. Embora o acolhimento familiar enquanto prática social não seja algo novo no país (há registro de práticas de apadrinhamento dos filhos de criação desde a época de Brasil colonial), somente agora ele é proposto como um programa de atendimento à criança e ao adolescente, com um suporte legal e acompanhamento técnico. Dessa forma, são necessárias pesquisas que o investiguem enquanto política de atenção à infância e juventude necessitada de proteção e como alternativa ao abrigamento e institucionalização de crianças. O presente projeto de pós-doutorado objetiva conhecer como os programas de acolhimento familiar estão se estruturando no Estado de São Paulo e quais as concepções de vínculo afetivo e família acolhedora que os atravessa. A perspectiva teórico-metodológica da *Rede de Significações* norteia a construção e análise do *corpus* de pesquisa. O *corpus* empírico será construído em duas fases: 1ª) mapeamento dos programas de acolhimento familiar implantados no Estado de São Paulo a ser realizada através de levantamento quantitativo (questionários semi-estruturados) de indicadores dos programas em execução relativos às famílias de origem, às famílias acolhedoras, às crianças e adolescentes acolhidos, às equipes dos projetos e à cobertura dos programas. 2ª) Dentre os programas de acolhimento familiar em andamento serão eleitos dois para uma investigação qualitativa mais aprofundada, que busque dar visibilidade às significações sobre família acolhedora, sobre construção de vínculos e estabelecimento de relações afetivas entre a criança ou adolescente e a família acolhedora, a partir da ótica dos diferentes atores envolvidos na colocação e acompanhamento da criança ou adolescente e da família (psicólogos, assistente social, juízes). Para tanto, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas. A pesquisa encontra-se em andamento, na primeira fase, sendo que os seguintes procedimentos foram realizados: 1) foram contatados os Fóruns das comarcas das cidades do Estado de São Paulo, buscando identificar por telefone a existência do programa na localidade; 2) foram enviados questionários semi-estruturados aos coordenadores dos programas identificados; 3) foram realizadas visitas aos programas mais representativos do Estado de São Paulo. Acreditamos que a pesquisa possa espelhar o estado atual de desenvolvimento do acolhimento familiar em nosso estado, como também ajudar na reflexão de políticas públicas na área (FAPESP).

* Pesquisa em andamento

CRIANÇA ADOTADA: UM FRACASSO NA ESCOLA? ESTUDO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS 'DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM' EM CRIANÇAS ADOTIVAS. Teixeira, S. C. de P. & Rossetti-Ferreira, M. C. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Algumas pesquisas fazem referência direta aos problemas de aprendizagem escolar de crianças com curto ou longo tempo de institucionalização e/ou adotivas. A literatura psicopedagógica também aponta sintomas diversos apresentados por crianças, os quais influenciam a não aprendizagem: dificuldades na estruturação egóica, baixa auto-estima, rebaixamento intelectual, problemas de comportamento, hiperatividade, desatenção. Entretanto, esses problemas não são descritos em quantidade e em profundidade, denunciando que sobre a questão há um vácuo, indicando a necessidade de realização de estudos específicos. Baseando-nos em pressupostos teóricos e metodológicos da *Rede de Significações*, nosso objetivo é investigar o processo de construção das "dificuldades de aprendizagem" em crianças adotivas, mapeando as diversas dificuldades que podem existir nesta situação, que contribuem ou não para a instalação de tais dificuldades. Através das análises, processual e discursiva, das diferentes configurações de *Redes*, ao longo do tempo e das diferentes situações, buscaremos apreender as negociações de significados e sentidos entre as pessoas em interação. Buscaremos realizar uma investigação dialética, que inter-relacione as diversas ordens de elementos presentes, que possam nos levar a compreender essa questão, procurando apreender esse fenômeno sempre de forma articulada, entendendo-o como constituindo e sendo constituído dentro daqueles processos. Para atingir nossos objetivos, a coleta de dados, ainda em andamento, deverá ser bastante ampla, constituindo-se de entrevistas semi-diretivas e semi-estruturadas e da criação de narrativas com as crianças, seus pais e professores, diferentes protagonistas envolvidos nesse processo e de notas de campo, para o registro das impressões da pesquisadora quanto ao contexto, relações crianças-familiares, e crianças – professores. Anteriormente aos procedimentos acima citados, constatou-se a necessidade de sabermos se isto era observado por professores e/ou coordenadores de escolas de Ensino Fundamental, mais especificamente entre crianças de 9 a 14 anos. Solicitamos que professores de um total 12 escolas da cidade de Ribeirão Preto, selecionadas da rede municipal, estadual e particular respondessem a um questionário, dizendo se conheciam casos de crianças/adolescentes adotivos naquela instituição, e se, em seu ponto de vista, consideram que têm dificuldades para aprender e por quais motivos acha que isto acontece. De somente 7 escolas responderam aos questionários e revelaram dados sobre 19 crianças adotivas de 7 a 12 anos. Resultados preliminares deste breve levantamento prévio apontaram que, na opinião da maioria dos professores, a adoção não é a principal causa das dificuldades escolares destas crianças, quando tal sintoma é verificado, e sim a desmotivação e desinteresse. Também foi possível constatar que, nem todas as crianças adotivas apresentam, na visão dos professores, desempenhos escolares ruins. Das 18 crianças mencionadas, 9 foram descritas como tendo um "desempenho regular", 2 crianças foram caracterizadas como possuindo um "péssimo desempenho", 5 tem "bom desempenho" e 2 possuem "ótimo desempenho". Essa verificação preliminar parece apontar que o desempenho escolar destas crianças é influenciado por aspectos que norteiam a toda e qualquer aprendizagem humana, quer seja a aprendizagem de adotivos ou não adotivos, já indicando também que a adoção, isoladamente analisada, não parece ser um evento determinante nas dificuldades escolares de adotivos.

* Pesquisa em andamento

ADOÇÕES PRONTAS OU DIRETAS: BUSCANDO CONHECER SEUS CAMINHOS E PERCALÇOS. *Mariano, F.N. & Rossetti-Ferreira, M.C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Várias pesquisas têm verificado a alta incidência das adoções "prontas" em muitas cidades brasileiras. Nesta modalidade de adoção, os adotantes procuram a Vara da Infância e Juventude para regularizar a situação adotiva de uma criança que já lhes havia sido entregue pelas famílias biológicas ou por mediadores – que podem ser conhecidos dos adotantes, funcionários de instituições e até mesmo pessoas que se beneficiam financeiramente ao praticarem tais mediações. Este trabalho busca apreender os significados atribuídos à prática da adoção "pronta" a partir das entrevistas de quatro famílias adotantes, três mães biológicas que entregaram seus filhos nesta modalidade de adoção e um mediador. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas segundo o referencial teórico-metodológico da Rede de Significações. A análise foi realizada a partir da leitura atenta das entrevistas, do mapeamento dos temas e das pessoas em interações, e finalizada com a seleção de recortes referentes à construção de significados sobre estas adoções "prontas". Nas adoções realizadas por parentes ou por membros da comunidade, a possibilidade de manter contato com a criança após a adoção é sentida como um circunscritivo favorável tanto pelos adotantes como pelos pais biológicos; mesmo que essas interações demandem constantes negociações e (re)posicionamentos entre eles. Nas adoções mediadas por instituições, alguns dos significados que permearam as entrevistas foram que essa prática adotiva favorece a adoção de crianças pouco almeçadas (maiores de dois anos, negras, grupo de irmãos); os adotantes podem ter um contato mais estreito com as crianças, vinculando-se a elas anteriormente ao pedido da adoção e, além disso, estes concebem as crianças de maneira menos idealizada do que aqueles que adotam sem um contato prévio com estas. Nas adoções de bebês realizadas por mediadores (pessoas físicas ou jurídicas), os adotantes referem-se às possibilidades desta prática: a rapidez do processo e, muitas vezes, o acompanhamento da criança desde sua gestação. Alguns dos significados construídos pelas mães biológicas são de que entregar a criança diretamente aos adotantes é a alternativa mais segura e, ainda pode possibilitar o acesso a atendimentos ou apoios não recebidos pelos serviços públicos ou pela rede comunitária. No entanto, adotantes e mães biológicas revelam medos e conflitos que podem ocorrer nessas interações que, muitas vezes, envolvem combinações, trocas materiais e chantagens. De maneira geral, independentemente de quem tenha mediado o contato entre adotantes e mães biológicas, nas adoções "prontas", os adotantes parecem se posicionar como mais autônomos para escolher e viabilizar as adoções "prontas". Já as mães biológicas percebem vários aspectos circunscritivos (econômicos, sociais, culturais e psicológicos) na decisão de entregar um filho para adoção. Dessa forma, apreender alguns dos múltiplos significados atribuídos a essa prática adotiva poderá auxiliar tanto na compreensão de sua alta frequência, como as possibilidades, limites e peculiaridades inerentes a ela. (FAPESP, CNPq, CAPES)

* Pesquisa em andamento

O ABRIGAMENTO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DE IDADE EM RIBEIRÃO PRETO: CARACTERIZANDO ESSE CONTEXTO. *Serrano, S. A. & Rossetti-Ferreira, M. C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

No Brasil, as condições precárias da população de baixa renda, a falta de rede social de apoio e de políticas sociais efetivas expõem frequentemente as crianças à exclusão social. A doutrina jurídica praticada ao longo do tempo, a associação entre pobreza e "periculosidade", as concepções de "criança", influenciaram as práticas de atendimento à infância. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê que "o abrigo em entidade", medida provisória e excepcional, objetiva proteção da criança/adolescente. Algumas crianças são institucionalizadas por períodos variáveis de tempo, até serem reintegradas na família biológica ou adotada. Inexistem dados exatos sobre o número exato e características dos abrigos e sobre as crianças institucionalizadas. Mas há consenso sobre a baixa qualidade das instituições como contextos de desenvolvimento. Esta pesquisa pretende contribuir para o conhecimento dessa realidade. O objetivo é caracterizar a situação do abrigamento de crianças de 0 a 6 anos em Ribeirão Preto, em quatro abrigos, focando: o perfil das crianças abrigadas e suas famílias (dados sócio-demográficos: idade, sexo, cor, escolarização, portador de necessidades especiais, visitas familiares, e outros) e caracterizar a trajetória do abrigamento (quem abrigou, motivo, tempo na instituição, destino da criança, e outros). Os dados foram coletados pela pesquisadora, também psicóloga do Fórum, de abril/2003 a abril/2005, nos prontuários/pastas das crianças nos abrigos, no banco de dados do Setor de Serviço Social e Psicologia do Fórum e nos processos dessas crianças na Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça. Foram utilizadas duas fichas para coleta de dados, uma relativa à criança e à trajetória do abrigamento e outra relativa à família. O referencial teórico-metodológico a orientar a coleta e análise deste trabalho é a perspectiva da Rede de Significações. Resultados preliminares indicam: 258 crianças foram abrigadas no período; 59% meninos; 51% afro-descendentes; 50% sem informação sobre pai; 78% têm irmãos, frequentemente na mesma ou outra instituição ou já adotados; 55% recebem visitas familiares, e 27% estiveram abrigados anteriormente. Há muitas omissões de dados que são significativas e estão sendo analisadas no sentido de desvelar esse "silenciamento". As instituições são atravessadas por mudanças políticas e contextuais, trazendo várias (des)continuidades no cuidado provido e diferenças nas formas de (não)fazer o registro dos dados. É importante que o abrigo seja pensado enquanto um contexto de cuidado, proteção e educação. É necessária a formulação de políticas públicas voltadas para as famílias das crianças abrigadas. Outros dados serão analisados posteriormente. (FAPESP, CNPq)

* Pesquisa em andamento

MESTRADO

EDUCOMUNICAÇÃO E CRIANÇAS ABRIGADAS: UM ESTUDO DE CASO DE UMA OFICINA DE TV. *Mike, H. S. & Caldana, R. L.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

De um lado está a educomunicação – um campo novo, que relaciona a educação e a comunicação e é definido como sendo um campo de intervenção social e de atuação profissional. Subdivide-se em áreas específicas de atuação, como a da educação para a mídia, constituída pelas reflexões da relação entre produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens; e para os programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios de comunicação. De outro, estão

crianças que vivem em abrigos por diferentes motivos e em situações as mais variadas, que chegam a permanecer por anos nessas instituições, podendo tanto o abandono, quanto a vivência nos abrigos, causar prejuízos ao desenvolvimento dessas crianças. O objetivo deste trabalho de mestrado é levantar possibilidades de ganhos que a participação em uma oficina de educação pode trazer para crianças abrigadas. Mais especificamente, pretende-se desenvolver uma oficina de educação com crianças abrigadas, buscando identificar mudanças na condição de desenvolvimento destas crianças, expressas no seu contexto de vida cotidiana, que poderiam ser consideradas possivelmente decorrentes da participação na oficina. Para colocar em prática essa proposta de educação, recorro a alguns procedimentos como a metodologia do aprender fazendo e a apresentação de conceitos teóricos a partir do contato direto das crianças com os equipamentos e com a linguagem própria da televisão. O projeto encontra-se em fase final de coleta de dados. Foram feitas entrevistas com educadores do abrigo, o técnico do abrigo responsável pelo caso, professores e familiares da criança, antes da realização e após a implantação do projeto, visando fazer um levantamento da história e uma descrição atual da criança. A oficina foi desenvolvida com 03 crianças na faixa etária de 9 a 11 anos que vivem em um abrigo de Ribeirão Preto. Foram realizados 30 encontros, num total de 60 horas. Os participantes se encontraram duas vezes por semana para produzir um vídeo. Todos os encontros foram gravados em vídeo, e estão sendo transcritos. Os dados serão analisados qualitativamente como um estudo de caso de caráter exploratório, desenvolvido na modalidade de uma pesquisa-ação. Diante da necessidade de projetos que auxiliem o desenvolvimento de crianças abrigadas e de alguma forma contribua para diminuir as dificuldades que a convivência em um abrigo possa trazer, aliado ao número ainda pequeno de pesquisas na área da educação, considera-se importante que se possa efetuar um projeto desta natureza com crianças institucionalizadas. O projeto é de mestrado.

* Pesquisa em andamento

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

NARRATIVAS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES ADOTADOS E/OU INSTITUCIONALIZADOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA REDE DE SIGNIFICAÇÕES. *Buffa, C. G.; Teixeira, S. C. P.; Rossetti-Ferreira, M. C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A criança adotada geralmente é vista como uma "criança-problema", que apresenta, entre outras coisas, dificuldade de aprendizagem escolar. Dado o reduzido número de pesquisas que abordam a questão da dificuldade de aprendizagem nessa população, observa-se a necessidade da realização de mais estudos sobre o tema, especialmente aqueles que diferenciariam a condição de crianças e adolescentes adotados dos institucionalizados, que são, muitas vezes, confundidos ou representados da mesma maneira, apesar de suas diferentes experiências. Assim, o presente estudo tem por objetivo investigar, através de narrativas de crianças e adolescentes adotivos ou institucionalizados, a questão da dificuldade de aprendizagem escolar, utilizando a narrativa como uma "metodologia alternativa", a qual oferece uma rica materialidade de sentidos, permitindo a investigação da criança adotada/institucionalizada a partir de suas próprias palavras. A pesquisa já foi iniciada, tendo sido coletados dados de apenas um sujeito, de 17 anos de idade, adotado e que apresenta dificuldades de aprendizagem escolar. O procedimento de coleta se constituiu em três encontros com o adolescente, sendo que no primeiro foi realizada uma

entrevista semi-estruturada que versava sobre assuntos relativos à escola e sua vida em família, e, nos outros dois, produzidas narrativas a partir de dezesseis temas que, como na entrevista, abordavam questões escolares – como os temas "Aconteceu na escola" e "A professora e o aluno" –, questões relativas à família e à adoção – como os temas "Uma família" e "Era uma vez um menino(a) que foi adotado(a)" – e questões relacionadas a sua identidade – como os temas "Eu sou um menino(a) que..." e "Coisas de que eu gosto". Também fez parte do procedimento a realização de uma entrevista semi-estruturada com um dos responsáveis pelo garoto, no caso, sua mãe adotiva, a qual também abordava temas relativos à adoção e à vida escolar do filho. Uma vez que a análise dos dados estará baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da RedSig, foi possível realizar uma análise parcial dos primeiros dados através da escolha de temas que se repetiram ao longo da entrevista do adolescente e que reapareceram em várias narrativas, como a questão da relação pais-filho-escola, da idealização de um filho e da escola como o campo em que a imagem do filho ideal é destruída pelo fracasso do filho real. O próximo passo da análise será a aproximação desses temas que se repetem com alguns conceitos da Rede de Significações, como, por exemplo, os de Matriz sócio-histórica e Circunscritores, buscando, sempre, apontar indícios linguístico-discursivos que justifiquem tais aproximações. O estudo está em andamento, sendo que ainda serão coletados dados de outras sete crianças e adolescentes de 9 a 17 anos de idade, totalizando oito participantes, dentre os quais quatro adotivos e outros quatro institucionalizados, sendo que alguns apresentarão dificuldades de aprendizagem escolar e outros, não. (CNPq)

* Pesquisa em andamento

A PERSPECTIVA DA CRIANÇA SOBRE SEU PROCESSO DE ABRIGAMENTO. *Silva, F. L.; Solon, L.A.G.; Rossetti-Ferreira, M.C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabeleceu que o abrigo deve ser uma medida provisória que tem por objetivo a proteção da criança e do adolescente. No entanto, o abrigo vive um momento de transição no Brasil, a questão do tempo de permanência no abrigo e da qualidade do atendimento às crianças ainda continua sendo motivo de controvérsias. Esse tema merece ser mais aprofundado e, embora a criança apareça como foco principal no processo de abrigamento, poucos estudos investigam o abrigamento a partir da ótica da própria criança. Enquanto parte constitutiva do processo de abrigamento, a criança está submetida a uma série de fatores que circunscrevem este processo (história passada, possibilidade de reintegração à família de origem, tempo de permanência no abrigo e a qualidade do atendimento prestado pela instituição). Neste trabalho, defende-se a ideia de que para se compreender o processo de abrigamento, faz-se necessário conhecer as experiências daqueles que o viveram. Assim, buscamos conhecer a perspectiva da criança sobre seu processo de abrigamento: como ela narra sobre o abrigo, qual foi sua trajetória de abrigamento e quais relações foram estabelecidas durante sua permanência. Para tanto, optamos por trabalhar com o Banco de Dados da Dissertação de Mestrado "A perspectiva da criança sobre seu processo de adoção" (Solon, 2006), que contém narrativas de três crianças entre 6 e 7 anos que viveram o abrigamento antes de serem adotadas. As entrevistas com as crianças estão sendo revisadas, visando focalizar especificamente as narrativas sobre o processo de abrigamento. A construção e análise do Corpus estão sendo norteadas pelo referencial teórico-metodológico da Rede de Significações (RedSig). Até o presente, a investigação está se dando com as entrevistas de Billy, um menino de 7 anos, branco, morando com a família adotante há 11 meses (na ocasião da primeira entrevista). Informações

sobre sua história de vida apontam a primeira entrada no abrigo aos 3 anos e uma prévia colocação em família adotante que durou aproximadamente um ano e meio, tendo sido retornado ao abrigo. A atual família adotante é composta pelos pais, três filhos biológicos casados e dois netos, que convivem na mesma casa. No decorrer das entrevistas de Billy, foi possível observar uma narrativa sobre o abrigo marcada por qualidades negativas como, por exemplo: brincou de quebrados, professor ruim e pessoas que batem nas crianças. Billy ainda comenta que sente saudades de alguns amigos do abrigo, mas afirma enfaticamente que não quer voltar a viver lá. Quanto à sua trajetória de abrigamento, Billy evita falar da entrada no abrigo e relaciona a saída a uma transação comercial entre o abrigo e a mãe adotiva. As narrativas de Billy nos possibilitam refletir sobre a possibilidade de conhecer o processo de abrigamento a partir da perspectiva da própria criança que o viveu.

* *Pesquisa em andamento*

O ABRIGO SOB A PERSPECTIVA DA CRIANÇA. Garzella, M. C. & Silva, A. P. S. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

O abrigo tem por objetivo principal, a proteção de crianças e adolescentes quando estes sofrem violações de seus direitos, conforme prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente, porém constitui medida provisória e excepcional, sendo utilizável como forma de transição para a colocação em família substituta. Apesar disso, como demonstram algumas pesquisas, muitas crianças permanecem longos anos nesse local. Se a organização de espaços e rotinas de acordo com os direitos da criança é necessária para qualquer atendimento, acredita-se que, no caso de longa permanência na instituição, ela precisa ser ainda mais pensada e traduzida em ações concretas de melhoria do serviço. Essa melhoria pode ser construída a partir de diferentes perspectivas. Esse trabalho, que foca a perspectiva da criança, objetiva compreender como as crianças vivenciam esse contexto e como suas avaliações podem contribuir para a discussão sobre a qualidade do atendimento no abrigo. Para este fim, a coleta de dados será realizada em um abrigo, com crianças por volta dos seis anos de idade. O corpus será constituído por: (1) entrevistas com crianças (2) imagens produzidas pelas crianças através do uso de máquina fotográfica (3) discussão em grupo a respeito das fotografias (4) análise do material. Esta análise será baseada na Perspectiva Teórico-Metodológica da Rede de Significações, a qual propõe que o desenvolvimento humano ocorre através das e nas interações entre as pessoas, podendo-se, dessa forma, analisar como as interações estabelecidas entre as crianças e o meio, neste caso, o abrigo, que inclui os funcionários, voluntários e as outras crianças, influenciam a forma como o vivenciam.

* *Fase de elaboração do projeto*

DOUTORADO

AS EXCEÇÕES E SUAS REGRAS: TRAJETÓRIAS ESCOLARES PROLONGADAS NAS CAMADAS POPULARES. Piotti, D. C. & Rossetti-Ferreira, M. C. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Os estudos que versam sobre trajetórias escolares bem sucedidas nas camadas populares são pouco frequentes quando comparados ao número de trabalhos científicos que tratam do fracasso escolar. Nas pesquisas que investigam o tema, casos de alunos pobres com bom desempenho escolar, são, muitas vezes, compreendidos a partir da chave do "conformismo", no sentido de estes alunos serem aqueles que se conformam aos valores da escola e se submetem docilmente aos professores, adaptando-se perfeitamente às normas institucionais. As pesquisas dão destaque ainda ao sofrimento e ao empobrecimento da personalidade que podem advir tanto da tentativa de corresponder às expectativas de ser bom aluno quanto do "choque cultural" entre escola e família. Nessa mesma direção, estudos que tratam de trajetórias prolongadas de escolarização nas camadas populares – entendidas como a permanência no sistema escolar até o ensino superior – tendem, de certa forma, a enfatizar significados tais como conformismo, sofrimento e ruptura cultural. A longevidade escolar em camadas populares é, em geral, entendida a partir de uma visão que enfoca predominantemente a ruptura ou o choque cultural decorrente da diferença entre o mundo escolar e o familiar e o sofrimento, a humilhação e os prejuízos psíquicos daí provenientes. Mas perguntamos: seriam essas as únicas facetas de trajetórias escolares bem sucedidas nas camadas populares? Quais os custos psíquicos de uma trajetória escolar prolongada? E os benefícios? Trajetórias de escolarização prolongada seriam sempre fonte de sofrimento? Assim, o objetivo do presente trabalho é discutir trajetória escolar e experiência universitária de estudantes das camadas populares no ensino superior público e problematizar a existência de outros sentidos possíveis no acesso e na permanência desses jovens na universidade. Para isso, foram realizadas entrevistas com cinco estudantes que ingressaram em cursos de alta seletividade da Universidade de São Paulo – *campus* Ribeirão Preto e que são oriundos daquelas camadas sociais. Os relatos dos estudantes têm permitido compreender não só as dificuldades enfrentadas, mas também as possibilidades que se apresentam a esses jovens quando ingressam em uma universidade pública. Nesse sentido, por exemplo, diferentemente do que com frequência os estudos sobre o tema afirmam, o ingresso na USP não significou para estes estudantes fonte de sofrimento no tocante à sua relação com a família. Pelo contrário, as entrevistas têm nos mostrado que, além disso, muitas vezes a entrada do filho na universidade traz mudanças positivas também para as famílias. Se por um lado, a trajetória dos estudantes é marcada por esforço, cansaço e solidão e sua experiência universitária é pontuada por dificuldades e, muitas vezes, por um sentimento de não pertencimento, por outro, a entrada na universidade pública traz possibilidades que transformam inteiramente a perspectiva de vida desses jovens.

* *Pesquisa em andamento*

DOUTORADO

TROCAS SOCIAIS DE CRIANÇAS DE 1-2 ANOS E ARRANJOS ESPACIAIS EM CRECHES, Bonifini, J. & Campos-de-Carvalho, M. I. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Estudos anteriores em creches evidenciaram a interdependência entre arranjo espacial –maneira como móveis e equipamentos existentes em um local estão posicionados entre si – e o papel estruturador do educador. Dada a diferença encontrada no padrão de ocupação do espaço por crianças de 1-2 anos em comparação com as idades de 2-4 anos, este trabalho tem como objetivos: (1) verificar a distribuição espacial de crianças de 1-2 anos em diferentes arranjos espaciais; (2) verificar se crianças de 1-2 anos, com diferentes frequências de troca social com as demais do grupo, ocupam semelhante ou diferentemente o espaço quando em troca social (TS), em atividade individual (AI), ao observar outras (espectador) e dirigir-se socialmente aos outros (CSD). A coleta de dados realizou-se por três câmeras automáticas de vídeo, em quatro salas de crianças de 1-2 anos de creches municipais, durante atividades livres. O estudo teve três fases (duas sessões cada), utilizando a metodologia do experimento ecológico: Fase I-arranjo habitual (área central vazia); Fase II-arranjo com estantes nas laterais; Fase III-arranjo espacial com duas zonas circunscritas (ZCs-áreas delimitada por barreiras baixas em pelo menos três lados). Por minuto registra-se para cada criança sua localização e atividade, analisando no mínimo 3 segundos antecedentes e consequentes ao minuto considerado. A análise da distribuição espacial, comparando a ocupação da área em torno do adulto (zona do adulto) na Fase I e Fase III, evidenciou que, na presença das ZCs, houve: (a) redução na ocupação da zona do adulto dos Grupos 3 (31% para 10%) e 2 (27% para 16%); (b) aumento tanto na ocupação da zona do adulto nos Grupos 1 (24% para 37%) e 4 (17% para 30%). Indicando a não existência de um padrão único de ocupação da área em torno da educadora, sendo que os Grupos 2 e 3 assemelham-se ao padrão das crianças de 2-4 anos. Na fase intermediária, as estantes foram ocupadas preferencialmente pela maioria das crianças de três grupos. Na última fase, a ocupação das ZCs foi maior que da zona do adulto em três grupos. Baseado na frequência média de trocas sociais do grupo e no desvio padrão, a cada fase identificou-se três subgrupos de trocas sociais (alta frequência-AF, média-MF e baixa frequência-BF). A análise das trocas sociais criança-criança evidenciou que, nas fases com maior estruturação espacial, houve menor ocorrência de trocas sociais na zona do adulto nos subgrupos de AF(Fase II) e de MF(Fase III). A análise das demais três categorias comportamentais (atividade individual, espectador e comportamento socialmente dirigido) mostrou: (1) maior ocorrência de atividade individual na área das estantes e ZCs do que na zona do adulto, em três turnos; (2) maior ocorrência de espectador na zona do adulto do que nas ZCs em três turnos; (3) maior ocorrência de comportamento socialmente dirigido na zona do adulto do que nas estantes e ZCs, em três turnos. O presente estudo contribui para a compreensão da interdependência entre o papel estruturador da educadora, a sociabilidade das crianças e o arranjo espacial, apontando este como um dos elementos circunscritores da troca social de crianças de 1-2 anos. (FAPESP/CNPq)

* Pesquisa concluída

QUALIDADE DE AMBIENTES EDUCACIONAIS INFANTIS EM DOCUMENTOS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS. Souza, T. N. de & Campos-de-Carvalho, M. I. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo

Nas últimas décadas, houve um aumento da preocupação com a qualidade dos serviços de educação infantil. Diversos países vêm construindo documentos que expressam princípios e indicadores de qualidade voltados para essas instituições. O presente estudo objetiva: 1 – verificar quais princípios de qualidade em educação infantil são compartilhados por seis documentos oriundos de três locais: Brasil (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil; Critérios para um Atendimento que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças; Subsídios para Regulamentação e Credenciamento das Instituições Infantis); Estados Unidos (Escala de Avaliação de Ambientes Coletivos para Crianças de 0-30 meses – Edição Revisada – ITERS-R); 12 Países Membros da União Européia (Qualidade dos Serviços às Crianças; Metas de Qualidade para os Serviços para Crianças Pequenas); 2 – identificar quais dos quatro sistemas ambientais descritos por Bronfenbrenner (*microsistema*, *mesosistema*, *exossistema*, *macrosistema*), são contemplados nos princípios de qualidade. Inicialmente, em cada documento, destacaram-se os indicadores de qualidade, agrupados em oito categorias temáticas e, após, em 29 sub-categorias. Ao se identificar o compartilhamento das sub-categorias, considerando o local de origem dos documentos, obteve-se: 52% delas são compartilhadas pelos três locais de origem, 41% por dois locais e em 7% não houve compartilhamento (presentes apenas no Brasil). Posteriormente, verificou-se, nas sub-categorias de cada documento, a presença dos quatro sistemas ambientais de Bronfenbrenner. Nos três locais de origem, foram identificados indicadores de qualidade relativos ao: microsistema creche; mesosistema – relação creche-família e creche-comunidade; exossistema e macrosistema – agências governamentais; aspectos culturais; políticas públicas (estas, ausentes na ITERS-R). Concluindo, os três locais de origem dos documentos, além de compartilharem princípios de qualidade, apresentam indicadores relativos a outros contextos ambientais, além da creche, tanto imediatos como distais, que exercem influência no desenvolvimento infantil.

(CAPES/CNPQ/FAPESP)

* Pesquisa em andamento

MESTRADO

SALA DE DESCANSO EM EMPRESAS DE TELEMARKETING E AFASTAMENTOS POR DOENÇAS LABORAIS. Almeida, V. H. & Campos-de-Carvalho, M. I. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A necessidade de aproximar empresas de sua clientela, através de um meio que proporcionasse agilidade na prestação de serviços e tornasse possível atender altas demandas em curto espaço de tempo, fez com que grandes e médias empresas adotassem a atividade de *telemarketing* como meio de vender seus produtos e resolver problemas intrínsecos à relação comercial. Atualmente, o *telemarketing* constitui a principal atividade terceirizada no Brasil, sendo um dos setores que mais cresceram, devido à privatização de operadoras de telefonia fixa, empregando mais de 500 mil teleoperadores. Entretanto, doenças desencadeadas pela atividade laboral se apresentam cada vez mais frequentes em operadores de *telemarketing*, fato que tem motivado as empresas a buscarem alternativas que amenizem tal problemática, como a implementação de uma sala de descanso para seus funcionários. O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre a implementação de uma sala de descanso em empresas de *telemarketing* e afastamentos por

motivos de saúde, ou seja, se seu uso implica em diminuição, ou não, do risco de contração de doenças laborais. Serão participantes 30% dos funcionários de uma empresa de *telemarketing*, que exercerem, exclusivamente, a função de teleoperador, antes e após a implementação da sala de descanso. A coleta de dados compreenderá: (1) análise do prontuário de afastamento médico disponibilizado pelo ambulatório da empresa; (2) questionário impresso, preenchido individualmente na presença do pesquisador, antes ou após o término do expediente ou durante o intervalo para refeição, de acordo com a disponibilidade do participante. O questionário, composto por seis questões fechadas, cinco abertas e uma mista, aborda os seguintes temas: opinião sobre o ofício; o que faz durante o intervalo para refeição e descanso; uso da sala de descanso e frequência; ocorrências de afastamento por motivos de saúde antes e após a implementação da sala de descanso; relação entre esta sala e ocorrências de doenças laborais. As respostas serão analisadas em termos de frequência e porcentagem de ocorrências, comparando-se as respostas de acordo com o sexo, a faixa etária, o turno de trabalho, o tempo de trabalho na empresa e o tempo de exercício da função de operador de *telemarketing*. Pelo prontuário médico, serão verificados e comparados os números de afastamentos por motivos de saúde, antes e após a implementação da sala de descanso. Em andamento, a pesquisa encontra-se na fase de análise do questionário piloto, aplicado em 15 teleoperadores (5 sexo masculino; 10 sexo feminino), para verificar se o instrumento de coleta contempla eventuais falhas que venham a comprometer a validade da pesquisa. Salienta-se que os dados revelados pelo questionário piloto não serão considerados na oportuna fase de análise de dados. (CAPES)

* Pesquisa em andamento

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PRIVACIDADE: UMA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO EM MORADIA UNIVERSITÁRIA.
Mendes, N. G. & Campos-de-Carvalho, M. I. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Apesar da maioria dos homens viver em locais edificadas, há poucas pesquisas sobre a relação entre edificações e comportamentos de seus usuários. A técnica de avaliação pós-ocupação é relevante para averiguar a opinião do usuário sobre um projeto arquitetônico. Um dos temas investigados na Psicologia Ambiental é privacidade (capacidade da pessoa ou grupo de controlar a quantidade e intensidade de interações sociais em um contexto sócio-ambiental). O objetivo do presente trabalho é verificar a opinião de moradores da moradia estudantil do *Campus* da USP em Ribeirão Preto (CREU), sobre a sua privacidade na mesma. 52 moradores do CREU (32% da população) preencheram individualmente um questionário com cinco questões fechadas e uma mista, elaboradas com base em um estudo exploratório prévio. Foi equilibrado o número de estudantes por sexo, pelos cinco blocos do CREU e quanto ao tempo de moradia relativo a períodos inferiores a 3 anos, pois é mais raro haver moradores acima de tal período. Comparando as respostas dos participantes de acordo com sexo e tempo que residem no CREU, dentre os dados obtidos salientamos: (a) gratuidade é o fator que mais agrada à maioria dos participantes (92%), independentemente de sexo e tempo de moradia; outros aspectos bastante citados, porém com diferença entre sexos e/ou tempo de moradia, foram amizades (65%), comodidade (62%) e localização (65%); (b) três fatores mais citados e que desagradam: falta de privacidade (58%); barulho (52%) e quartos não individuais (50%); (c) comportamentos mais indicados como sendo realizados diariamente: conversar, ouvir música, ler e estudar; (d) quanto às regras elaboradas pelos moradores para assegurar privacidade, número semelhante de pessoas indicaram sua

existência (36%), não existência (29%) e não conhecimento (35%); (e) a maioria (62%) desconhece regras elaboradas pela prefeitura do *Campus* e apenas 13% apontam a sua existência; 21% indicaram a não existência; (f) cerca de 40% dos participantes indicaram como "boa" a privacidade no andar, bloco, quarto e banheiro; (g) aspectos mais citados para melhoria das condições de privacidade: construção de mais blocos (75%) e de local para lazer (73%) e telefone para cada apartamento (69%). Os resultados da presente pesquisa apontam também questões a serem investigadas em futuros estudos; por exemplo, quanto a de concepções do que é privado e do que é público - apesar de gratuidade ter sido indicado por 92% dos sujeitos como um aspecto relevante da moradia, a qual é mantida por verba pública, há indicações de quartos não individuais como um fator que desagrada a metade dos sujeitos; provavelmente a sugestão de construção de mais blocos para melhoria da privacidade, citada por 75% dos sujeitos, tenha ocorrido mais para atender a necessidade de quartos individuais do que alta demanda de busca pela moradia. Este estudo possibilita o levantamento de aspectos úteis à reflexão pelos responsáveis pela administração do CREU, subsidiando futuros projetos de reforma e manutenção da moradia.

* Pesquisa em andamento

D. EIXO TEMÁTICO: O SIGNIFICADO DE SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO

DOCTORADO

O SENTIDO DE TEMPO, SEGUNDO FREUD E HEIDEGGER. D'Ávila Lourenço, L.C. & Furlan, R. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Este trabalho fundamenta-se na tese de doutorado, **A angústia, segundo Freud e Heidegger**, para notar que tanto a psicanálise quanto a filosofia existencial entendem que o tempo não é uma seqüência progressiva e longitudinal, mas antes uma articulação que produz sentido. Segundo essa perspectiva, o passado não é algo que ficou para trás, e sim uma espécie de marca, cujo sentido é produzido no decorrer da existência. Freud, ainda com a tese do trauma da sedução sexual, postula que a cena sexual ocorrida na infância só adquire seu sentido traumático e organizador da sexualidade, durante uma segunda cena ocorrida na puberdade. Esse funcionamento da ação diferida estabelece os critérios para a teoria da repressão, durante toda a obra desse autor. E em 1926, Freud elaborava ainda mais essa noção, ao afirmar que é durante a sexualidade fálica que o primeiro trauma, identificado na situação do nascimento, recebe significação psíquica. A partir dessa significação, o trauma (que é sempre definido como resultado de um excesso de estímulos) passa a ser representado em todas as experiências de perda e desamparo. Freud compreende que é assim que a dependência biológica, com que nasce o ser humano, passa a ser vivida como dependência psíquica irremediável. Nesse caminho, o indivíduo adulto vive preso às reminiscências (o que o autor define como quadro neurótico) ou atualiza seu passado. Heidegger dá ainda maior ênfase à noção de tempo, quando a especifica como uma atividade que se desenrola a partir da compreensão da própria existência. Especificamente, o

Dasein (termo com o qual esse autor refere-se ao homem) é lançado na existência. E, nessa condição ele constantemente cuida de seu próprio ser, projetando-se nas possibilidades escolhidas. Ou seja, de acordo com essa filosofia, o mundo não é algo material, mas um conjunto de possibilidades, nas quais o **Dasein** se lança. E o que organiza esse conjunto é a possibilidade da própria morte. Essa situação só é assumida através da disposição para experimentar e compreender a angústia, o que regularmente é evitado. Contudo, é somente por meio da assunção do fato de que é um **ser-para-morte**, que o **Dasein** dá sentido ao seu nascimento e à faticidade que caracteriza seu **ser-no-mundo**, apropriando-se das possibilidades herdadas. Isso equivale à realização do próprio destino. Cumpre notar que, com o termo destino, Heidegger entende justamente a apropriação de uma herança que é, fundamentalmente, possibilidades. Assim, segundo esse autor, o passado adquire seu sentido desde o futuro; e nesse movimento lógico do tempo, o presente é estabelecido não como simples agora, mas como instante. No instante, o **Dasein** vislumbra a totalidade de sua existência. Isso, longe de consistir numa conquista definitiva, designa um estado sempre a ser reconquistado pelo **Dasein** em sua maturidade. Com esses comentários, concluímos que para Freud e para Heidegger, o tempo tem muito mais um sentido lógico que cronológico, através do qual as experiências adquirem significado. (CAPES)

* Pesquisa concluída

E. EIXO TEMÁTICO: FIGURAS DO SI MESMO OU NOÇÕES DE SUBJETIVIDADE

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

INCONSCIENTE E SEXUALIDADE NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY. Oliveira, V. H. & Furlan, R. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Merleau-Ponty, do ponto de vista de uma filosofia da existência, dialogou com a teoria freudiana, percebendo tanto uma atitude de compreensão de um sentido vivido, quanto inspiração em um modelo científico do “aparelho psíquico”. Merleau-Ponty discute essas perspectivas da teoria de Freud, abordando a metapsicologia freudiana partindo inicialmente da noção de existência como *ser no mundo*. A presente pesquisa buscará apresentar, portanto, as implicações da filosofia merleau-pontyana para a psicanálise, principalmente a respeito das Tópicas de Freud. Para tal, foi realizado um mapeamento das principais noções metapsicológicas de Freud, através da crítica realizada por Merleau-Ponty. Posteriormente, abordou-se a tessitura teórica deste autor, buscando conceitos que habilitam uma nova perspectiva sobre os temas psicanalíticos e de como abordá-los. No exame das tópicas freudianas, notou-se que, ao afirmar que mesmo os sonhos, chistes e sintomas neuróticos possuem um sentido vivido, acessado pela história individual, Freud abriu a pesquisa um novo campo de experiência, mais amplo que aquele da consciência. Além disso, com o conceito de pulsão, ambíguo entre o físico e o mental, mostra uma nova concepção de *corpo vivo*, ultrapassando a dicotomia entre o fisiológico e o psíquico. Mas ao compreender a relação entre o sentido e a pulsão, Freud recorre ao realismo de seu aparelho psíquico que, em parte, restaura uma dualidade corpo-alma. Obteve-se que a noção de sentido vivido era essencial

para articular a psicanálise com a obra de Merleau-Ponty, que parte da questão da experiência do corpo próprio. O autor diz que o excesso de sentido dos atos sobre seus significados explícitos é inerente à constituição de corpo, em necessária relação com um mundo. O sentido, sempre múltiplo e ambíguo, é inseparável de seu “significante”, pois na própria percepção ele se dá *no* objeto percebido, o que permite compreender que a significação inconsciente é uma possibilidade de sentido na rede de equivalências própria da relação com o mundo. Isso deve muito à generalidade da sexualidade na existência, que destaca no mundo os outros e os objetos com um sentido afetivo. Já em suas últimas obras, Merleau-Ponty identifica o inconsciente ao próprio sentir, como o *silêncio “estruturado”* que é a própria condição da percepção. Portanto, parece que a promiscuidade de sentidos elimina a necessidade de se duplicar o conteúdo manifesto em um latente, o que supera a idéia de se postular uma vida interior como representação. Compreende-se então o corpo como originário na apreensão de sentidos no mundo, evitando a concepção da divisão do aparelho psíquico entre representações conscientes e inconscientes, e suas relações extrínsecas de causalidade. (FAPESP)

* Pesquisa em conclusão

F. EIXO TEMÁTICO: A EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA REDE DE SIGNIFICAÇÕES

MESTRADO

O PAPEL POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A CRIANÇA. Lima, L. P. & Silva, A. P. S. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Apesar da aprovação do artigo 227 da Constituição Federal de 1988 e a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente que constituem a criança como cidadã no Brasil, várias pesquisas vêm apontando a existência de violência contra a criança, também no ambiente familiar. De acordo com as legislações mencionadas, a responsabilidade pela defesa dos direitos da criança deve ser compartilhada por todos os segmentos da sociedade, incluindo as instituições educativas. Neste sentido, e considerando sua finalidade de promoção do desenvolvimento integral da criança, cabe à Educação Infantil contribuir para o enfrentamento da violência contra a infância. O presente projeto, neste contexto, tem como objetivo investigar como os profissionais de creche significam e lidam com a questão da violência doméstica contra a criança, buscando compreender seus saberes, seus conflitos e suas dificuldades acerca dessa temática. Pretende ainda investigar como a problemática da violência doméstica contra a criança se apresenta nos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições e nas ações relativas às famílias e aos órgãos de proteção à infância. As instituições alvo da pesquisa serão duas creches localizadas em Ribeirão Preto/SP. Participarão do estudo: o(a) diretor(a); um membro da equipe de serviços gerais e um(a) professor(a) de cada turma de crianças das instituições. A metodologia de coleta e análise dos dados está ancorada nos pressupostos da Rede de Significações. Para a obtenção dos dados, serão realizados: visitas às instituições; entrevistas individuais com funcionários; levantamento junto aos Projetos Políticos Pedagógicos das creches. Para a análise dos dados, serão realizadas leituras exaustivas dos materiais produzidos. *A priori*, propõe-se o tratamento da entrevista a partir de

quatro grandes eixos temáticos: (1) sentidos sobre violência doméstica, relação creche-família e sistema de proteção à criança; (2) ações do profissional e da instituição nos casos em que foram ou não registrados violência doméstica; (3) dificuldades e conflitos em relação a temática violência doméstica; (4) papel do profissional e da instituição no enfrentamento da violência. Acredita-se que os conhecimentos produzidos poderão fomentar as discussões existentes relativas à relação família e creche e ao papel destas instituições na defesa dos direitos da infância e, particularmente, no enfrentamento da violência sofrida pela criança no âmbito familiar. (FAPESP)

* *Pesquisa em andamento*

RETRATOS DE MINHA CRECHE: OS OLHARES E DIZERES DAS CRIANÇAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Jabur, M. A. & Silva, A. P. S. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A infância compreende um período de vida cujas significações e valores variam de acordo com a época e a sociedade em questão. Ao longo dos anos, diversos campos do saber contribuíram no sentido de construir um olhar sobre a infância que contemple suas especificidades em relação às demais etapas do ciclo vital. Contudo, só nas últimas décadas, surgem pesquisas que creditam à criança uma maior participação no processo de transmissão e produção da cultura. A creche, como uma das práticas de educação/ cuidado de crianças na nossa sociedade, tem sido chamada a se alinhar às novas concepções de infância, abrindo espaço para a participação das crianças na organização do cotidiano e para o reconhecimento de suas avaliações sobre o serviço que lhes é oferecido. Do ponto de vista das discussões sobre a qualidade do atendimento, ainda são poucos os estudos que contemplam a participação da criança em seu processo. O presente trabalho, com base nas considerações levantadas, tem como objetivo investigar quais atividades, rotinas e espaços as crianças mais e menos gostam na instituição que frequentam e compreender as possibilidades dessa avaliação como instrumento na promoção da qualidade do atendimento. A coleta foi realizada em uma creche de Ribeirão Preto/SP, com 22 crianças de seis anos, subdivididas em três grupos. O material empírico foi produzido através de: *roda de conversa* (grupo 1) e *entrevistas individuais* (grupos 2 e 3) sobre o tema: "minha creche"; produção individual de *fotos* do que mais e menos gostam (grupos 1, 2 e 3); *roda de conversa* sobre as imagens produzidas (grupos 1, 2 e 3). Também foram feitas *observações* das atividades e dos espaços fotografados, a fim de se obter elementos adicionais para a compreensão do porquê das escolhas e de se compreender como esses são propostos às crianças pela instituição. Foram realizadas *entrevistas com 9 adultos* da instituição, utilizando-se as fotos como disparadores para a obtenção de informações auxiliares sobre suas práticas junto às crianças. A análise, que se encontra na fase inicial, aponta para a preferência de atividades orientadas pela brincadeira livre, com pouca intervenção das educadoras e compartilhadas por grupos de amigos. As atividades e rotinas das quais não gostam aparecem vinculadas a momentos de controle e disciplina exercidos pelos adultos da instituição, além de atividades relacionadas à preparação para o ensino escolarizante. Pretende-se aprofundar a análise do material a partir da articulação das avaliações das crianças com as *formas* de proposição das atividades por parte dos educadores, suas *dinâmicas* e seu modo de *realização*. Essa análise poderá auxiliar na compreensão das possibilidades da escuta das crianças, além de valorizar as significações que emergem quando crianças são chamadas a avaliar a instituição que frequentam. (FAPESP)

* *Pesquisa em andamento*

RESGATANDO A MEMÓRIA DO CENTRO DE INVESTIGAÇÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO HUMANO E EDUCAÇÃO INFANTIL (CINDEDI-USP): SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL. Darahem, G.C. & Silva, A.P.S. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

O Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI) é um grupo de pesquisa que, desde 1976, vem desenvolvendo um importante trabalho com grandes contribuições para as áreas da Educação Infantil e da Psicologia do Desenvolvimento. Além da atuação no âmbito acadêmico, o CINDEDI é um grupo que, desde o seu início na década de 70, atua também junto à sociedade seja na forma de lutas pelos direitos da criança seja pela divulgação dos resultados de suas pesquisas. O compromisso com a sociedade que serve de campo para suas pesquisas e estudos é uma das principais características e princípios do grupo. Por isso, um dos objetivos desse trabalho é mostrar para essa sociedade, que há anos vem contribuindo para o trabalho e desenvolvimento do CINDEDI, a história e as histórias desse grupo. Além disso, espera-se que com esse registro pesquisadores e futuros pesquisadores tomem conhecimento do trabalho do grupo: suas linhas de pesquisa, suas pesquisas e suas contribuições para as áreas que o grupo se propõe a investigar e para a formação de pesquisadores. Para reunir nesse registro a história do CINDEDI foram utilizadas diversas fontes: currículos dos nove pesquisadores principais do grupo; cinco cadernos de resumo dos Encontros Científicos do CINDEDI; três dos sete livros produzidos pelo grupo; cinco entrevistas com as fundadoras do grupo Ana Almeida Carvalho, Ana Mello, Mara I. Campos de Carvalho, Maria Clotilde Rossetti Ferreira e Zilma de Moraes Ramos Oliveira; dentre outros. As entrevistas realizadas foram escolhidas como a fonte principal para contar essa história e os demais materiais servem de auxílio e permeiam as falas das fundadoras que estão presentes ao longo de todo o texto. Além da história do grupo, é contada também a história da Educação Infantil brasileira nos momentos em que essas histórias são co-construídas mutuamente e em alguns aspectos confundem-se. O grupo é formado por pesquisadores com formação em diferentes áreas do conhecimento e, por isso, é um grupo com diversos subgrupos, que utilizam diversas metodologias em diversas linhas de pesquisa e que, no entanto, têm sempre o desenvolvimento humano e a educação infantil como foco de suas pesquisas. Além dos vários pesquisadores que compõem o grupo, o CINDEDI conta com a colaboração de outros centros de pesquisa e pesquisadores de outros muitos lugares que ajudam nas pesquisas do grupo e também no reconhecimento nacional e internacional do CINDEDI. Com uma história muito longa e cheia de detalhes e histórias, esse trabalho representa apenas uma documentação inicial do CINDEDI, um grupo que tem uma identidade própria e reconhece que sem o diálogo com os outros não é possível fazer ciência e produzir conhecimento.

* *Pesquisa concluída*

O MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Souza, M. I. de & Silva, A. P. S. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Na sociedade ocidental, o atendimento à criança na faixa etária de zero a seis anos em instituições tem sua história intrinsecamente ligada ao papel de cuidadora atribuído à mulher e visto como parte de sua natureza. Neste contexto, a profissão de educador infantil surge como profissão feminina, no interior de uma concepção assistencial e substitutivo-materna dos equipamentos de atendimento à criança. Com as diversas mudanças ocorridas em relação às instituições de

educação infantil, dentre elas sua vinculação ao sistema educacional, uma das questões que se colocam é a da qualidade, diretamente ligada à formação do educador. Neste debate, a questão de gênero, atrelada ao exercício desta profissão, surge como uma rica possibilidade de reflexão e mudanças, colocando em xeque a relação até então existente entre a profissão de educador e o papel da mulher e chamando a atenção para uma nova realidade: a participação masculina na educação infantil. A entrada do homem neste espaço vem ao encontro de um movimento de igualdade de direitos entre os gêneros, incluindo o de maior participação do homem no cuidado à criança pequena. O objetivo deste estudo foi investigar como homens que atuam em instituições de cuidado/educação de crianças de zero a seis anos (creches e pré-escolas) analisam suas experiências e compreendem a inserção do masculino nestes espaços. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com dois educadores que atuam diretamente com a criança. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Foram feitas anotações em caderno de campo acerca dos contextos das entrevistas. A partir de uma compreensão de que a forma como se dá a inserção destes profissionais nestas instituições é pautada nas práticas discursivas e nas relações que estes estabelecem no interior da instituição, por meio das quais eles se (re)constróem e (re)significam sua prática, foi escolhida como perspectiva teórica para a análise das entrevistas a Rede de Significações. Os relatos dos participantes descrevem a inserção e a atuação junto às crianças com competência profissional, embora também apareçam situações que reforçam os papéis tradicionais de gênero. Essas situações indicam um processo de negociação que expõe as diferenças de habilidades socialmente construídas entre homens e mulheres sem, contudo, negar a riqueza da diversidade no contexto institucional. Nos dois casos, a existência de um professor do sexo masculino na creche ou pré-escola é trazida como um fato que gera em si um processo de questionamento e estranhamento por parte de pais e educadoras e de um certo encantamento por parte das crianças. O potencial de mobilização da presença masculina nas instituições fica evidente no processo de (re)significação dos sentidos inicialmente estabelecidos nas interações, em especial com os pais das crianças. A pesquisa reforça assim os discursos que defendem a presença do masculino nas instituições de cuidado e educação de crianças, com vistas a provocar mudanças nas práticas e concepções cristalizadas sobre o papel da mulher e do homem na nossa sociedade.

* *Pesquisa concluída*

CRECHES DOMICILIARES EM RIBEIRÃO PRETO. Paschoal, L. P. & Silva, A. P. S. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A Educação Infantil brasileira é marcada por uma série de avanços e retrocessos e por uma clara distinção entre as instituições destinadas aos filhos das famílias ricas e aquelas oferecidas às crianças provenientes de famílias pobres. Atualmente, essa diferença pode ser explicada pela ausência de políticas públicas para essa área, fato que se contrapõe a todos os avanços legais conquistados nas últimas décadas do século XX. Este trabalho parte do pressuposto de que o olhar sobre as creches domiciliares, modalidade de atendimento à pequena infância em que uma mulher toma conta em sua própria casa das crianças do bairro (geralmente situadas na periferia), expõem os impasses, as dificuldades e as limitações das políticas públicas para a Educação Infantil, visto que as pesquisas realizadas anteriormente acerca dessa problemática apontam para a baixa qualidade dos serviços prestados por este modelo. A construção do *corpus* da pesquisa se dará em quatro momentos: (1) Levantamento do número de creches domiciliares existentes em um bairro da cidade de Ribeirão Preto com alta demanda por vagas na Educação Infantil; (2) Observação de uma creche domiciliar; (3) Realização de entrevistas com a “mãe crecheira”, com

algumas mães e com possíveis crianças mais velhas frequentadora da creche domiciliar; e (4) Análise do material, com base na perspectiva da Rede de Significações. O desenvolvimento dessa pesquisa visa possibilitar uma maior compreensão acerca da questão das creches domiciliares, podendo servir como instrumento para a elaboração de novas políticas públicas para a Educação Infantil.

* *Fase de elaboração do projeto*

G. EIXO TEMÁTICO: PROCESSOS DIALÓGICOS E INDISSOCIABILIDADE DE CORPO, MENTE E CULTURA

DOUTORADO

O VIVER COM EPILEPSIA: A PARTIR DA PERSPECTIVA DA CRIANÇA. Anjos, A. M.; Amorim, K. S.; Rossetti-Ferreira, M. C. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Produções científicas sobre epilepsia, inclusive na Psicologia, falam sobre a doença e as mudanças que a mesma representa na vida da pessoa, mas poucos são os estudos que ouvem as pessoas acometidas pela epilepsia-especialmente as crianças, grupo etário mais acometido. Devido à inexistência de trabalhos que se destinam a ouvir a criança com epilepsia, à complexidade da doença, aos problemas interpessoais e psicossociais acarretados pela mesma e a alta prevalência nesse grupo, este trabalho objetiva apreender, através de seis estudos de caso, como diferentes crianças vivenciam a epilepsia e que visão elas têm de si e de suas relações com os outros sociais, em função do quadro. Os participantes serão seis crianças (7-10 anos). Inicialmente, realiza-se uma entrevista com os responsáveis pela criança para mapear o modo de ser e de viver da criança e da família: ambientes frequentados, atividades do cotidiano da criança e quais são seus parceiros nessas atividades. A seguir, são realizadas três visitas semanais à casa da família, nas quais as crianças falam sobre o seu dia-a-dia, percepção sobre os acontecimentos de sua vida, medos, desejos e perspectivas de vida. Essas conversas são apoiadas por situações lúdicas e gravadas em áudio para posterior transcrição. Nessas ocasiões são inseridos materiais infantis (bonecas, carrinhos, papel, lápis de cor) e de apoio, comumente utilizados nas consultas hospitalares (luvas, seringas, avental). Ao final das entrevistas, desde que permitido pelos responsáveis e aceito pelos participantes, é registrado em vídeo uma atividade cotidiana da criança, preferencialmente com outras crianças, em atividade livre, em casa ou na escola. A construção do *corpus* de pesquisa e análise qualitativa está sendo feita através da perspectiva metodológica da *Rede de Significações*, que se dedica à investigação dos processos desenvolvimentais humanos, situados e contextualizados. Tal perspectiva nos remete à identificação dos componentes pessoais da criança, dos cenários e dos campos interativos dos quais ela participa, todos marcados por elementos da matriz sócio-histórica. Após análise preliminar dos dados parcialmente coletados, podemos inferir que não apenas o grau de comprometimento orgânico acarretado pela doença (às vezes acarretando dificuldades de concentração e aprendizagem), mas também as diferenças individuais (maior ou menor inibição), o modo de ser e de viver da família (religiosidade, ambientes frequentados, ausência ou presença de apoio dos amigos) e os cuidados que a mesma tem com os filhos (super proteção ou não) vão

estar influenciando diretamente no modo de ser e de viver da criança nas suas relações em contextos sociais imediatos (em casa, na escola, vizinhança ou igreja). Até o momento, o que podemos inferir do material analisado é muitos dos medos, desejos e ansiedades das crianças em relação à doença e perspectivas de vida futura relacionam-se ao modo como a família lida com a condição de saúde da mesma. Nesse sentido, não só as diferenças individuais e o grau de comprometimento da doença, mas também o modo como essa criança se posiciona/é posicionada pela família (segundo uma concepção de que seu filho(a) é igual às outras crianças ou não), parecem interferir diretamente nas vivências das crianças que vivem com epilepsia.

* Pesquisa em andamento

LEIS, REGULAMENTAÇÕES, DECRETOS... GARANTEM A INCLUSÃO ESCOLAR?
Roriz, T. M. S.; Amorim, K. S.; Rossetti-Ferreira, M. C. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Atualmente, a discussão sobre **inclusão** emerge como uma questão ética e pressupõe uma sociedade estruturada para atender às necessidades de cada cidadão. Vários grupos têm aderido a essa concepção, como o de pessoas com necessidades especiais. Particularmente, quando consideramos crianças com necessidades especiais, a discussão sobre inclusão/exclusão escolar ganha relevância. O paradigma da “inclusão escolar” iniciou-se na década de 80 e 90, tendo como importante marco/motor a Declaração de Salamanca. Esta tem como princípio que “escolas regulares devam acomodar todas as crianças, independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais e emocionais”. A política de Educação Inclusiva foi introduzida nas políticas públicas do Sistema Educacional Brasileiro através da Política Nacional de Educação Especial (1994), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), do Parâmetro Curricular Nacional – adaptações curriculares para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais (1998) -, dentre outros. Esses documentos demonstram que a proposta da Educação Inclusiva está **oficialmente instituída** no Sistema Educacional Brasileiro. Porém, polêmicas presentes no processo de inclusão escolar nos motivaram a particularmente investigar como professores e familiares de crianças com epilepsia concebem e se referem a essa criança no cotidiano da educação escolar. E, ainda, como a própria criança aborda essas vivências. Para tanto, foram feitas entrevistas com seis crianças (07-11 anos), seus familiares e professores, crianças essas selecionadas num ambulatório de um hospital terciário de Ribeirão Preto. A coleta e análise de dados estão sendo feitas com base na perspectiva da *Rede de Significações*. Traremos aqui apenas um fragmento do que estamos analisando, pois, a trajetória escolar de uma das crianças chamou mais especialmente a atenção. Gabriel tinha 10 anos à época da coleta de dados. Aos onze meses iniciaram suas crises epiléticas, ainda hoje sem controle. Ele é uma criança alegre, tímida, com dificuldade de compreensão e aprendizagem, apontada pela mãe e percebida pela pesquisadora. Quanto à trajetória escolar: aos dois anos começou a frequentar uma escola, desde então em sala especial. Aos oito anos (em 2003) frequentou, por seis meses, uma sala de aula regular, de Jardim I, sendo reencaminhado à sala especial, no final do primeiro semestre. Aos 10 anos de Gabriel, em 2005, o município onde mora decidiu agrupar, num mesmo local, as classes especiais municipais, designando-o de “classes especiais”. Apesar de que, nesse local, só estudem crianças com necessidades especiais, segundo a escola e a família, não se trata de uma escola especial. Para nós, essa prática caminha no sentido contrário ao que preconiza o paradigma da inclusão: “crianças com e sem deficiências devem ser colocadas no mesmo *setting*”. Evidência ainda que muitas das práticas de exclusão continuam presentes, nos dias de hoje, sendo implantadas e

validadas oficialmente de maneiras diversas, a depender da articulação de fatores que envolvam a história e a cultura, o contexto sócio-econômico, os campos interativos, além das características pessoais dos vários participantes. E, ainda que, as políticas que mais influenciam a implantação de serviços inclusivos/segregados são as de nível local, marcadas prioritariamente pelas atitudes e crenças das pessoas nas instituições e, mesmo, através de aplicações de políticas municipais. (CAPES, FAPESP, CNPq)

* Pesquisa em andamento

O MOVIMENTO COMO LINGUAGEM EXPRESSIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.
Oliveira, N. R. C. & Oliveira, Z. M. R. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A humanidade se constitui na e através da linguagem, em suas mais diversas expressões de comunicação (a escrita, a fala, o desenho, o movimento...). A compreensão das múltiplas formas da criança se comunicar com o mundo têm gerado, historicamente, uma série de equívocos educacionais, acarretando graves consequências à formação humana. Geralmente a linguagem privilegiada nas instituições de educação infantil é a escrita, ignorando-se as múltiplas linguagens expressivas da criança. Pensar o ser humano em sua totalidade requer a compreensão de que as várias dimensões humanas são indissociáveis, de que não possuímos um corpo e uma mente separados, mas sim, um corpo que sente, pensa e age de forma indissociável, por meio de múltiplas linguagens. Percebe-se que a Educação Infantil tem apresentado um avanço significativo nas discussões sobre os processos educativos, as múltiplas linguagens infantis, bem como as questões relativas ao corpo e movimento das crianças. Essas discussões não são recentes, mas foi especialmente na última década que um maior número de pesquisas voltadas para esta temática surgiu. Entretanto, apesar dos avanços na produção do conhecimento, no cotidiano das instituições parece que o movimento como linguagem expressiva ainda é negligenciado. As leis educacionais brasileiras apontam para a garantia de oferecimento de uma educação infantil de qualidade, respeitando as características de desenvolvimento da criança e primando pelo seu desenvolvimento pleno. No que diz respeito às políticas para Educação Infantil, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, publicado pelo MEC em 1998, deixa claro o movimento como importante dimensão do desenvolvimento da cultura humana e linguagem expressiva, que deve ser contemplado na formação da criança. Assim, este trabalho, parte de nosso projeto de pesquisa de doutorado (em andamento), se propõe a apresentar algumas reflexões sobre a importância do movimento na Educação Infantil, a partir da compreensão deste como linguagem expressiva e, neste contexto, como elemento imprescindível à formação da criança em sua totalidade, colocando no mesmo plano os aspectos sociais, cognitivos, afetivos e motores, de acordo com os pressupostos de Wallon.

* Pesquisa em andamento

RECURSOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS POR BEBÊS EM INTERAÇÃO COM DIFERENTES INTERLOCUTORES EM CRECHE: UM ESTUDO DE CASO. *Elmôr, L. N. R. & Amorim, K. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Estudos têm analisado, apreendendo e explicitado o modo como ocorrem as interações nas diferentes idades, considerando-as com distintos interlocutores e relacionando-as ao desenvolvimento global do indivíduo. Porém, diferem em pressupostos e implicações quando tratam de diferentes interlocutores (pai, mãe, educadoras, coetâneos). Pesquisas baseadas na Teoria do Apego afirmam que os bebês nascem com pré-programação a relacionarem-se com o principal cuidador (usualmente a mãe). Outras enfatizam a natureza social do bebê, desde seu nascimento como sendo um ativo participante do sistema cultural, comunicando-se com o adulto por meios de expressões e movimentos dirigidos. Estudos sobre a relação do bebê com o pai são escassos e referem uma maior participação destes aos cuidados primários dos filhos, já que, por fatores sócio-econômicos e culturais, as mulheres têm adquirido novos papéis no campo profissional. As capacidades interativas de bebês no primeiro ano de vida com parceiros de mesma idade, também representam interesses recentes em função da crescente participação de bebês em ambientes coletivos. Estas pesquisas variam de definições e pressupostos. Porém, outras mais contemporâneas evidenciam o interesse do bebê pelo outro, com co-regulações das ações, orientação de comportamentos dirigidos a e derivados pelo outro (noção de “campo interativo”) e a construção de sentidos. Entretanto são fragmentadas, pois estudam a criança com um interlocutor específico, não considerando o conjunto de suas relações. Assim, definiu-se por investigar processos interativos de bebês com interlocutores distintos, a partir de um estudo de caso. Serão estudados quais recursos lingüísticos (verbais ou não) são utilizados por bebês no primeiro ano de vida. A meta é verificar o uso desses recursos, nas interações com diferentes interlocutores do convívio deste bebê (mãe, pai, educadoras, outros bebês). Esta noção de linguagem extrapola o aspecto verbal, reconhecendo outras linguagens nas formas de relação, expressão e apreensão de significações. O material empírico utilizado será obtido no Banco de Dados do Projeto Integrado *Processos de adaptação de bebês à creche*, que acompanhou por três meses, através de gravações VHS, os processos de adaptação de 21 bebês (4-14 meses) em creche universitária. Um bebê foi selecionado, contando 11 meses ao ingresso na creche, sendo acompanhados todos os seus aparecimentos nas gravações. O recorte de episódios se fará pela noção de “campo interativo”. A transcrição dos episódios interativos será microgenética e a análise guiada pela perspectiva teórico-metodológica da *Rede de Significações*. Compreende-se que o bebê é geneticamente social, seu desenvolvimento se dá através de relações com outros sociais, em contextos sócio-culturais específicos e suas relações concebidas de forma dialógica. Através da seleção de recortes interativos com seus diferentes parceiros, construir-se-á uma tabela verificando quais são estes diferentes recursos lingüísticos e se existiriam semelhanças ou diferenças da interação entre bebê e distintos interlocutores. Objetiva-se também analisar os episódios de interação destes sujeitos em três diferentes momentos do registro (ingresso do bebê à creche e sua adaptação, nos três meses de frequência e próximo à sua retirada). Pressupõe-se que haverá mudanças nas formas de relações e interações do bebê com os diferentes interlocutores ao longo do tempo e relações (re)(co)construídas.

* Pesquisa em andamento

10 ANOS DE INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS, EM ESCOLAS ESTADUAIS DE RIBEIRÃO PRETO: MAPEAMENTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA. *Carlos, E. P.; Roriz, T. M. S.; Amorim, K. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A questão da inclusão é de grande relevância na nossa sociedade, por vivermos em uma época em que a busca pelo respeito à diversidade e pela participação social de cada pessoa emerge como uma questão ética, trazendo como pressuposto a idéia de uma sociedade que acolhe a diversidade humana, estruturando-se para atender às necessidades de cada cidadão. Dentre os grupos marginalizados, destacamos as pessoas com necessidades especiais e, mais especificamente, a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) alavancou o discurso de inclusão escolar, propondo que escolas regulares acomodem na mesma sala de aula crianças com e sem necessidades especiais. Nessa linha, leis, referenciais e parâmetros têm sido produzidos. Porém, verifica-se que as leis ajudam, mas não são suficientes para efetivar programas inclusivos (falta organização de ambientes, formação de professores, dentre outros), a prática sendo marcada pela dialética inclusão/exclusão, atravessada por fatores sócio-econômicos, culturais e políticos, e pelas dominantes significações sociais com relação às características das crianças. Considerando-se as controvérsias e conflitos que vêm ocorrendo na implantação da educação inclusiva, no Brasil e, ainda, considerando-se que no ano de 2006, completou-se 10 anos da implantação da inclusão, o objetivo deste projeto é investigar, através do mapeamento da Educação Especial e Inclusiva, das escolas estaduais da cidade de Ribeirão Preto, como vem se dando esse processo no cotidiano da educação, nos últimos 10 anos (1997-2006). Procurar-se-á identificar: a) se as crianças com necessidades educacionais especiais frequentam sala regular e/ou sala de recursos ou, ainda, sala especial; b) quais as deficiências dessas crianças e suas trajetórias escolares; c) qual o tempo de permanência na escola regular (seja em classes especiais ou regulares). O mapeamento será conduzido de forma a apreendermos a situação da educação inclusiva e da educação especial, a partir das instituições escolares, traçando-se *se e de que modo* tem ocorrido o atendimento escolar a crianças com deficiência ao longo da última década. A construção do *corpus* será feita a partir da consulta dos registros da Delegacia Regional de Ensino e das escolas estaduais. As informações obtidas serão arquivadas em banco de dados construído no Access para o presente projeto. Quanto aos aspectos éticos, a referida Delegacia já concedeu a autorização para realização da pesquisa. Tanto a coleta como a análise de dados serão realizadas tendo como base teórico-metodológica a perspectiva da *Rede de Significações*. Para a análise serão utilizados, ainda, procedimentos estatísticos. Esse trabalho é parte de um projeto maior, que inclui ainda o mapeamento da Educação Especial e Inclusiva nas escolas municipais, particulares e nas escolas especiais da cidade. Com este projeto o CINEDI, referência na discussão de aspectos relativos à Educação Infantil, através do mapeamento da Educação Especial e Inclusiva, poderá contribuir à promoção da qualidade na educação, agora tratando-se da problemática da inclusão.

* Fase de elaboração do projeto

A epilepsia é uma doença crônica com enorme espectro clínico, que acomete principalmente a faixa etária infantil. Por não possuir uma definição precisa e pelas características do quadro, é cercada por idéias diversas, dentre elas idéias místicas, que contribuem com a maneira que a pessoa com epilepsia e seus familiares experienciam/lidam com a doença. O tratamento da epilepsia constitui-se basicamente de medicação e cirurgia, sendo este último muito restrito e recente no Brasil. Considerando este novo espaço de tratamento (cirúrgico) e os processos que ocorrem nos campos relacionais entre os vários participantes da situação, propôs-se, através de um estudo de caso, investigar, sob a perspectiva dos pais, as novas e antigas concepções sobre a epilepsia e sobre o(a) filho(a) com epilepsia, geradas/suscitadas na situação desse atendimento específico. Na constituição de todo o estudo, está sendo utilizada a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações. O registro da situação dar-se-á através de três entrevistas semi-estruturadas com os pais da criança em atendimento (antes e durante o monitoramento da criança (vídeo-encefalografia); e, após comunicação do diagnóstico topográfico e da possibilidade de cirurgia) e com alguns profissionais de saúde. Serão utilizadas ainda, anamnese do serviço, notas de campo da pesquisadora e fitas de vídeo do monitoramento dos quartos. Iniciou-se o estudo através da realização de uma entrevista piloto com o pai de um menino de nove anos, apresentando crises epiléticas abdominais, vindo de outro Estado e atendido no serviço de cirurgia de epilepsia pela primeira vez. A entrevista foi transcrita e analisada qualitativamente ressaltando-se temas que posteriormente foram organizados em categorias: Os sentidos da cirurgia no tratamento da epilepsia; Sentido da cirurgia no tratamento específico da epilepsia do filho; Epilepsia: seus sentidos e concepções; Epilepsia: sentimentos e atitudes do pai frente à doença; Discursos presentes, semelhantes/opostos às concepções do pai, sobre a epilepsia; Sentido do medicamento no tratamento da epilepsia; O discurso religioso no enfrentamento da doença; O papel do (des)conhecimento/informação na percepção da epilepsia. Nesta entrevista piloto ressaltou-se grande expectativa e esperança do pai diante da possibilidade do tratamento cirúrgico no caso de seu filho. A cirurgia foi mencionada/concebida pelo pai enquanto sinônimo de cura da epilepsia, de maneira geral, e principalmente, no tratamento de seu filho. O pai demonstrou ter ciência da existência de riscos implicados nesse procedimento, porém tais riscos pareciam minimizados e quase mesmo desconsiderados dada a sua segurança no atendimento oferecido. Notou-se implicada às concepções do pai uma construção dinâmica de significações (a respeito do serviço em que estava sendo atendido; da credibilidade da equipe que realizava o atendimento; da cirurgia; da epilepsia; das suas experiências com seu filho; entre outras muitas), as quais consideradas e combinadas de maneira variada pelo pai, de acordo com sua experiência, contexto, condição social, cultura, etc., corroboraram na construção de determinadas concepções (como: cirurgia promovendo a cura) e não outras. Esta única entrevista (piloto) ajudou no aprofundamento da metodologia de análise, porém é ainda parcial em relação ao objetivo do estudo, de acompanhar o processo ao longo dos três diferentes momentos já referidos. (CNPq, FAPESP)

* Pesquisa em andamento

O presente projeto vem se desenvolvendo de modo a investigarmos como bebês, em seus primeiros anos de vida, se constituem enquanto *Sujeitos da Linguagem*. Para isso, optamos por realizar dois estudos de caso: de um bebê ouvinte e de um bebê surdo, utilizando gravações em vídeo como registro da situação. Dentro da Psicologia do Desenvolvimento, ancoramos-nos na perspectiva teórico-metodológica da *Rede de Significações* e nas contribuições teóricas, sobretudo, da noção de Dialogismo de Bakhtin. No decorrer do processo de pesquisa, sentimos a necessidade de verificar como a literatura científica utiliza os temas centrais desta pesquisa e, também, compreender como as pesquisas contribuem com nossas questões. Realizamos, assim, uma revisão bibliográfica em duas bases de dados: Scielo (nacional) e PsycINFO (internacional), com as seguintes palavras-chaves: *language, dialogism, first year of life e deaf*, combinadas entre si. Da primeira, resultaram dez artigos, dos quais nenhum foi selecionado, por tratarem de temas educacionais e fonoaudiológicos. Da segunda, resultaram 2814 artigos, dos quais 22 foram daqueles temas, dentro de variados campos de investigação. Dos resumos recuperados, três eram da década de 80, um da década de 90 e três dos anos 2000. Com relação à modalidade de produção, seis eram empíricos e um teórico. Os artigos empíricos explicitaram formas de linguagem presentes em interações, como vocalização, sinais, gestos (comunicativos, espontâneos, imitativos), manipulação de objetos, etc.; e, distinguiram a qualidade dessas formas entre lingüísticas e não lingüísticas. Evidencia-se que as lingüísticas referem-se ao tipo de expressão da criança através da linguagem verbal e de sinais; já as não-lingüísticas remetem-se a qualquer tipo de signo expresso que demonstre intenção comunicativa ou transfira informação. Nessa sistematização, colocou-se importância menor nas formas não-lingüísticas quando comparadas com as lingüísticas. Apesar disso, a expressão através de gestos foi discutida, em especial, como parte preciosa dos recursos desenvolvidos para comunicação, sobretudo, de crianças com perdas auditivas. Enfatizou-se a qualidade de *meio* dos gestos para atingir formas superiores de linguagem. Apenas o estudo teórico indicou a existência de informações além das já decodificadas para o sistema de gestos. Além disso, mencionou-se a dimensão do outro na interação. Somente dois artigos pressupuseram a presença do “outro” para o desenvolvimento da linguagem; nos demais, ao estudar a comunicação de crianças sem acesso ao *input* lingüístico, como na surdez, preconizou-se que essas não dependiam de interlocutores. Dessa maneira, há uma ambigüidade na importância do interlocutor para o desenvolvimento da linguagem, sendo o segundo modo oposto à perspectiva aqui utilizada. Essa independência, para nós, parece restringir o processo de comunicação à linguagem verbal, a qual não é a única nos humanos. Além disso, a presença de estruturas lingüísticas naquelas crianças (sem *input*) torna-se um indicio para compreendermos a influência dos interlocutores na interação. Já com relação às formas de comunicação, há também uma ambivalência no modo como as não-verbais tornam-se objetos do campo científico. A revisão tornou-se assim um meio para rediscutirmos os temas desta pesquisa e situarmos nossas contribuições no campo científico. (FAPESP/CNPq)

* Pesquisa em andamento

Numa abordagem histórico-cultural, entende-se que, ao nascer, o ser humano encontra-se imerso numa esfera semiótica, na qual a comunicação e a cognição tornam-se possíveis pelo uso de signos. O ser humano insere-se nesse mundo da linguagem por meio de *processos dialógicos*, a partir de contextualizadas relações sociais. Assim, a meta foi investigar as formas de linguagem utilizadas por bebês ouvintes e surdos, situados em determinados contextos. E, ainda, como esses bebês se constituem enquanto *Sujeitos da Linguagem*, ao longo de um período. A pesquisa estruturou-se através do estudo de caso de um bebê ouvinte (Lara) e um bebê surdo (Danilo). O registro foi feito por meio de gravações em vídeo (VHS). No primeiro caso, Lara (9 meses e meio) foi selecionada por uma série de critérios, do Banco de Dados do Projeto Integrado *Processos de Adaptação de Bebês à Creche*. Este projeto acompanhou 21 bebês, suas famílias e educadoras após ingresso numa creche universitária. Para isso, utilizou diversos métodos de registro da situação, como a vídeo-gravação, durante três meses. No segundo caso, Danilo (15 meses) foi selecionado do serviço de otorrinolaringologia de hospital terciário. Sua seleção deu-se por ter perda auditiva profunda, bilateral, neurossensorial, sem síndrome associada. Por seis meses, Danilo e a família foram filmados em casa. Todo material do caso 1 foi transcrito e analisado. O material do caso 2 atualmente vem sofrendo o mesmo procedimento. As transcrições e análises são microgenéticas, ancoradas na perspectiva teórico-metodológica da *Rede de Significações*. Ao longo de algumas cenas de Lara, percebemos um movimento de coçar a nuca e as orelhas freneticamente quando presente em situações adversas, como a perda de um brinquedo para outra criança. Lara, nessas situações, modifica o semblante tornando-o sério ou tenso. No entanto, realiza aquele movimento sem que este seja percebido/reconhecido como preenche de significado pelas pessoas presentes na creche. Nessas circunstâncias, inquietamo-nos se esse modo de Lara expressar-se é uma forma de linguagem. Se sim, o que se faz necessário para que os “outros” o qualifiquem como significativo e Lara como alguém que significa? Se não, o que é esse movimento tão recorrente naquelas situações? Já Danilo, em algumas cenas, ao direcionar o olhar para Lúcia (avó), recebe uma indagação, como: “Para cantar?”. Ela, após olhá-lo, começa uma ação, nesse caso, a cantarolar e pára. Ele cantarola em seguida e pára. Ela volta a cantarolar e essa alternância segue-se por 8 vezes. Quando a avó cantarola, os olhos de Danilo brilham intensamente e um largo sorriso forma-se. Diante disso, indagamos se a qualidade do olhar de Danilo constitui-se como uma forma de linguagem. Se sim, qual o status dado pela avó a esse olhar para se tornar passo para a brincadeira e o que representa aquela sincrônica seqüência sonora em um bebê surdo? Se não, o que é então o olhar e a cantoria na interação entre eles, apenas olhar e sons? Assim, ao discutir as formas de linguagem, enveredamos num caminho que ao considerar essas formas, indica uma das condições para que os bebês tornem-se sujeitos da linguagem. (FAPESP/CNPq)

* Pesquisa em andamento

ESTUDO DO PROCESSO DE “ABREVIACÃO”. EM RELAÇÕES DE BEBÊS COM SEUS PARES DE IDADE. *Costa, C. A. & Amorim, K.S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A perspectiva teórico-metodológica da *Rede de Significações* – *RedSig*, perspectiva na qual esse trabalho está fundamentado –, concebe o desenvolvimento humano como um processo contínuo, ou seja, que ocorre durante todo o ciclo vital. Este se dá nas e através das múltiplas interações

estabelecidas pelas pessoas, em contextos social e culturalmente organizados. Dentro desta perspectiva também estão considerados os processos interativos que ocorrem no primeiro ano de vida, destacando o papel de agente participante ativo de bebês nesta faixa etária. Na literatura da área, características das interações de bebês também têm sido investigadas, mas a partir de diferentes abordagens. Uma delas – sistêmico dinâmica – tem estudado particularmente as trocas na relação da diade mãe-bebê, tendo construído um modelo de interação denominado de Estabelecimento, Extensão e Abreviação (EEA). Especificamente, a abreviação seria um processo decorrente de sucessivas atividades de recorte efetuadas pela diade. Utilizando a analogia de figura-fundo, a diade escolhe uma ação para que se torne figura em relação ao fluxo constante e complexo de outras ações dos parceiros. Na abreviação, os elementos anteriormente negociados pela diade, de forma prolongada, aparecem de modo condensado ou abreviado. As trocas efetuadas são de curta duração e são executadas através de um ajustamento mútuo e fácil. Como referido, no entanto, esse processo tem sido investigado exclusivamente na relação mãe-bebê. Porém, investigações do próprio grupo sobre processos interativos entre bebês têm apontado indícios de que, mesmo entre coetâneos, ocorre o modelo de relação semelhante. Deste modo, a partir da interface com a *RedSig*, este estudo pretende verificar se o processo de abreviação pode ser observado na interação de bebês com os coetâneos, tendo como sujeitos um casal de gêmeos e dois parceiros preferenciais para cada gêmeo. Os registros utilizados como material empírico serão gravações em vídeo (VHS) que fazem parte do Banco de Dados do Projeto Integrado *Processos de Adaptação de Bebês à Creche*, que acompanhou, ao longo do ano de 1994, os processos de adaptação de 21 bebês (4-14 meses) em uma creche universitária. Deste Banco de Dados estão sendo selecionadas todas as cenas em que o casal de gêmeos (11 meses e 21 dias) aparece, compondo assim, um bloco único de imagens que segue o tempo cronológico dos acontecimentos. A partir deste bloco único, serão selecionados os episódios interativos dos gêmeos entre si e de cada gêmeo com seus dois parceiros preferenciais, que irão compor cinco novos sub-blocos. A seleção destes parceiros tem como meta verificar se a ocorrência da abreviação pode ser observada na construção da relação com esses coetâneos, ao longo dos três meses de convivência. O *corpus* será construído a partir da transcrição microgenética dos episódios interativos selecionados dos cinco sub-blocos e das tabelas de registros de cada sub-bloco. As cenas serão analisadas microgeneticamente, tendo a *RedSig* como base. Desta forma, a análise apreenderá as mudanças nas relações e em especial no processo de abreviação entre o casal de gêmeos e seus coetâneos, a partir da comparação destas relações ao longo dos três meses de convivência. (PIBIC, FAPESP)

* Pesquisa em andamento

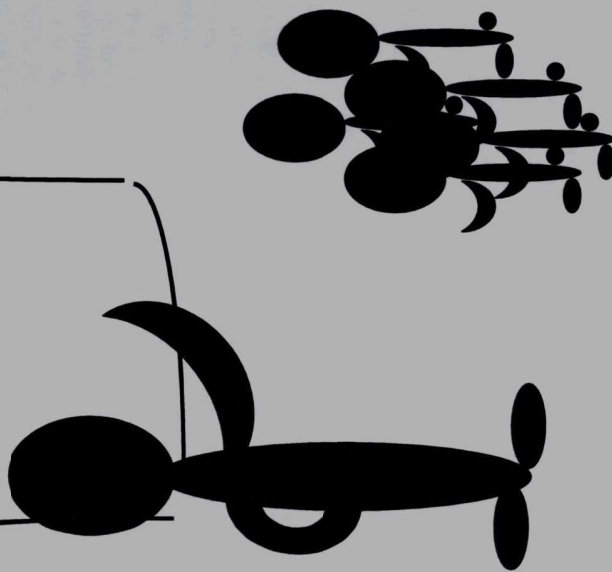
DEZ ANOS DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO REGULAR EM RIBEIRÃO PRETO. *Martins, L. B. & Amorim, K.S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A inclusão escolar de pessoas com necessidades especiais tem se mostrado de grande relevância em nossa sociedade, com movimentos de respeito à diversidade e à participação social de cada pessoa, suscitando a idéia de uma sociedade que acolhe e atende às necessidades de todo e cada cidadão. Nos últimos vinte e cinco anos, essa questão tem se colocado nos campos institucionais, jurídicos e políticos, a concepção de sociedade inclusiva (ONU, 1990) representando um marco e motor para a discussão desse processo social. Denote o grupo de considerados marginalizados, aqui destacamos as crianças com deficiências (mentais, físicas, sensoriais e/ou múltiplas) em idade escolar, remetendo-nos à questão da educação inclusiva. Historicamente, a questão da educação inclusiva tem sido discutida e enfatizada em inúmeros documentos e leis, tais como a

Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 e ainda inúmeros Parâmetros. No entanto, é possível verificar que as Leis e Resoluções não têm sido suficientes para a efetivação de programas inclusivos no cotidiano das escolas regulares, pois, ainda há falta de materiais adaptativos, organização dos ambientes e formação adequada de professores. Ainda, a inclusão está marcada por grande preconceito, a prática estando marcada pela dialética da inclusão/exclusão, atravessada por fatores sócio-econômicos, culturais e políticos. Considerando-se as controvérsias e conflitos que vêm ocorrendo na implantação da educação inclusiva, no Brasil e, ainda, considerando-se que no ano de 2007, completa-se 10 anos após a promulgação na legislação da inclusão escolar, o objetivo desta pesquisa é investigar, através do mapeamento da Educação Especial e Inclusiva, em Ribeirão Preto, como vem ocorrendo o processo de inclusão no período de 1997-2007, na rede municipal de ensino. A base para a obtenção dos dados e construção do corpus é o banco de dados da Secretaria Municipal da Educação de Ribeirão Preto (a qual já consentiu com a coleta). Será analisado o diagnóstico das crianças, o número delas que fazem parte dessa proposta, o tempo de permanência nas escolas, se ascenderam na seriação, se frequentam sala especial, sala regular ou de recursos. Posteriormente, haverá visita a todas as escolas municipais localizadas na cidade. Na fase em que a pesquisa se encontra, é possível analisar a maneira como a secretaria da educação, no decorrer deste período, concebeu diversamente o significado de necessidades especiais e, a partir das diferentes concepções, como foram implantados projetos e políticas no cotidiano das escolas. Para a análise serão utilizados, ainda, procedimentos estatísticos, considerando-os sob a perspectiva da Rede de Significações. Esse trabalho é parte de um projeto maior, incluindo o mapeamento da Educação Especial e Inclusiva nas escolas estaduais, particulares e especializadas. Com a referida pesquisa o CINEDI, poderá contribuir com a formação científica de pesquisadores para melhor discutir os desdobramentos da educação especial e inclusiva na cidade de Ribeirão Preto. (FAPESP)

** Pesquisa em andamento*

RELATOS de EXPERIÊNCIA



CONSTRUINDO IDENTIDADES: CRIANÇAS, EDUCADORES E INSTITUIÇÃO.
Januário, S.

As ações educativas independente de sua natureza, requer dos profissionais envolvidos, um planejamento que produza, valorize e assegure as concepções de sua instituição. Este trabalho irá identificar e relatar algumas das práticas construídas pelos educadores, com a intenção de garantir nos planejamentos e nas ações cotidianas a concepção de infância adotada pela Creche Carochinha COSEAS-USP. Consiste, na verdade, um conjunto de idéias, e ações que fomos construindo ao longo do tempo. Um trabalho que caracteriza o empenho educacional de um grupo de profissionais, de como a instituição se organiza e mantém sua identidade.

O TAPETE MÁGICO: O ANUNCIADOR DAS NOVIDADES. Gomes, S. H. P. P.; Martins, M. A.; Costa, E.

Este trabalho relata uma experiência com um grupo de crianças de dois anos de idade, na Creche Carochinha COSEAS-USP -RP durante todo o ano de 2005. O grupo, denominado Turma Jacaré, era formado por 8 crianças que frequentavam a Creche em período integral. As educadoras todas as vezes que precisam reunir uma turma de crianças para diversas situações, sentavam no chão e utilizavam esteiras, alguns panos ou tapetes comuns. Para as crianças nessa faixa etária estas experiências muitas vezes não ficava marcado qual era o acontecimento seguinte. O grupo precisava de marcadores que explicitassem cada momento do seu dia-a-dia. Após algumas reflexões dos educadores em grupos estudos e o uso de estratégias como tapetes e aventais - contadores de histórias os educadores criaram um recurso que permitiu que as crianças compreendessem a rotina do seu dia-a-dia. É sabido que a criança pequena precisa de recursos e estratégias claras e concretas, que as ajudem a perceber o **espaço** e o **tempo**. A criança pequena ainda não consegue perceber a noção de temporalidade que se configura pela percepção das três dimensões - passado, presente e futuro. Elas se centram no aqui e agora, querem que seus desejos e necessidades sejam atendidos imediatamente. O projeto desenvolvido com o tapete sugere o ciclo da organização do tempo e do espaço no cotidiano da creche.

CONHECENDO A PRAÇA. Giovani, A. L. F. & Oliveira, R. S.

Este trabalho foi desenvolvido durante o ano de 2006, com a turma de crianças entre 2 a 3 anos na Creche Carochinha, USPRP. Iniciou se elegendo o nome da turma buscando construir a identidade e autonomia do grupo. Posteriormente visitou se em vários momentos do dia a Praça João de Barro, localizada dentro da Creche. Listou se o que havia na Praça, e o que faltava nela para torná-la mais agradável. Com ajuda das famílias e dos funcionários da manutenção conseguiu se mudar e organizar se um plantio. Após a Praça reformada visitou se outras praças da cidade. Em algumas os educadores aproveitaram para fazer piquenique e tirar fotos registrando as histórias e as vivências das crianças. Com isso organizou se material que respondessem as perguntas das crianças sobre o que é uma praça, para que serve, quem visita praças, como cuidar, o que necessita para que ela fique agradável e qual é a praça que mais gostamos. O repertório das crianças sobre o tema estava mais amplo e, portanto, com mais

elementos para comparação com a Praça João de Barro. Os educadores retomaram a análise da Praça da creche buscando avaliar o que tinha antes e depois do trabalho. Promoveu-se ainda um dia de inauguração da nova Praça João de Barro.

INICIAÇÃO À GEOMETRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA HISTÓRICO-CULTURAL COM BASE NO UNIVERSO LÚDICO DO SÍTIO DO PICA-PAU-AMARELO. Andrade, E. N. F. & Flautzino, R. H.

Na relação de co-construção dos conhecimentos matemáticos, as atividades de ensino se justificam pela motivação e pelo desafio de planejar e desenvolver uma educação instrumentalizada pela resolução de situações-problema. Nessa perspectiva, os saberes assumem um caráter dialético, dialógico, lúdico e, por conseguinte, significativo para os alunos. Há, também, a promoção de uma aprendizagem simultânea, em que tanto as crianças como os professores percorrem um movimento de re-organização reflexiva do conhecimento. Propõe-se aqui, a apresentação de uma experiência de apropriação do conhecimento matemático com crianças de dois anos e meio a três anos e meio na Educação Infantil, realizada na Creche Carochinha (COSEAS – USP) – uma instituição universitária localizada no campus da USP de Ribeirão Preto. Nessa experiência é tomado como pressuposto o caráter intencional da atividade de ensino, percebido como uma ferramenta que possibilita a formação do aluno e do professor, bem como a apreensão da matemática como um produto cultural. Nessa perspectiva, a infância é apresentada como uma etapa histórico cultural do sujeito que aprende. O desafio maior, do trabalho realizado, foi inserir as crianças no movimento vivenciado pela humanidade na elaboração das noções de medida, colocando-as, de forma bastante lúdica frente às necessidades que alinhavam a produção do conhecimento como: a necessidade vivenciada pelo homem na construção de abrigos, o movimento de abstração de formas para construir objetos e instrumentos importantes para a coletividade e a construção de unidades-padrão de medida. Durante a experiência foi feito um grande investimento no caráter lúdico das atividades. Os personagens do universo fantástico do *Sítio do Pica-Pau-Amarelo* é que faziam a ponte entre o planejamento dos professores e a motivação das crianças pela temática tratada. As metas complementares da experiência foram: (I) o estudo e o uso de um referencial metodológico que busca discutir o papel das atividades de ensino nas instituições e nos projetos pedagógicos; (II) a apresentação do conteúdo como algo dinâmico, que pode ser criado, transformado e apreendido para atender a objetivos estabelecidos; (III) o entendimento da situação-problema como um conhecimento que está em movimento e que é produto de uma construção social; (IV) as re-organizações feitas no decorrer do processo da experiência a fim de garantir o bom desenvolvimento da aprendizagem das crianças e; (V) o movimento de reflexão e aprendizado dos próprios professores. A experiência realizada buscou, então, contribuir para que a educação matemática seja compreendida como um produto cultural e para que a ação pedagógica seja reconhecida como um processo que possibilita mudanças significativas no pensar dos alunos e, também, na própria prática e formação do professor. Isso ocorre porque se entende que no trabalho coletivo os agentes (tanto os professores como as crianças) buscam a origem e o progresso dos princípios, por meio da história. Assim, os conceitos novos não são apenas apreendidos, mas, principalmente, tornam-se propriedade de todos os participantes do movimento de aprendizagem.

Esse relato de experiência tem como objetivo apresentar um projeto que envolveu diferentes áreas e linguagens com crianças de 4 a 5 anos na Creche Carochinha da USP de Ribeirão Preto. Através de coletas, investigações e análises com semente evidenciou-se junto as crianças que a semente é uma parte do desenvolvimento de uma planta e que cada semente possui características particulares que se referem a maneira delas se dispersarem no ambiente, através dos rios e mares, ventos, animais e o homem, que pode disseminar sementes por todo mundo. Ensinou-se o conceito de biodiversidade, preservação dos ambientes naturais e/ou ecossistemas. O trabalho foi desenvolvido 80% do tempo em ambientes externos e as famílias participaram ativamente de todo o processo. Durante seis meses, passamos a colecionar e catalogar sementes encontradas em meios diversos como dentro de frutas e legumes, caídas em praças, parques, no Campus da USP em passeios de campo. Também classificamos e observamos com as crianças as sementes selecionadas para o plantio, pedimos que trouxessem de casa, sementes (ou grãos) usados na alimentação da família. Paralelamente a estas atividades, implantamos a horta, com plantio e colheita de feijão, alface, rúcula, batata-doce, cenoura, alho e abóbora, além de girassol para alimentar mariposas.

A TURMA DA CENTOPÉIA. Ramos, T. H. F. & Raguazi, L. G. S.

Este trabalho retrata uma experiência pedagógica desenvolvida com uma turma de 19 crianças, entre 4 e 5 anos de idade. O objetivo desse trabalho foi construir juntamente com as crianças a identidade do grupo. Este projeto é desenvolvido todo ano na Creche Carochinha, e leva a criança a sentir e ser vista como indivíduo pertencente a um grupo, com suas próprias características, tornando-se segura e motivada a enfrentar desafios colocados para si própria e para o grupo. Para que esse processo se inicie é feito junto às crianças a escolha de um nome "fantasia" para o grupo. Foi feita uma pesquisa sobre os insetos que viviam nos ambientes da creche e em seguida, confeccionou-se um painel com sugestões de nomes para a turma, levantadas pelas próprias crianças. O próximo passo foi a eleição, com cédulas e urna, onde o nome vencedor foi "Centopéia". Especificamente nesse ano, o nome escolhido, envolveu, além da construção da identidade, o conhecimento a cerca da centopéia pelo grande interesse manifestado pelas crianças. A partir disso, pesquisou-se sobre este inseto. Confeccionou-se com sucata, um painel de identificação da turma. Através de rodas de conversa, e com o apoio de material coletado com a colaboração das famílias, despertou-se nas crianças o interesse em preservar o meio ambiente. Durante o desenvolvimento desse projeto, os educadores chamaram atenção da turma sobre o cuidado no manuseio dos insetos encontrados, pois alguns deles poderiam ser perigosos. Também visitou-se um laboratório e um jardim fora da Creche para observação e investigação das características e o habitat do inseto. Foram feitos desenhos, registros da centopéia e de seu habitat, que serviram de modelo para confecção em biscoito de insetos e de um jardim para montagem de uma maquete. Para encerrar o projeto, construiu-se com a turma uma história: "O Passeio de Olívia", que falava de uma centopéia que vivia alertando a todos para o cuidado ao meio ambiente.

Este painel tem por objetivo relatar uma experiência ou prática pedagógica que foi realizada, no ano de 2005, na Creche Carochinha – COSEAS/USP, localizada na cidade de Ribeirão Preto. Trata-se de um projeto desenvolvido, durante aproximadamente 6 meses, com um grupo de 20 crianças com idades entre 5 e 6 anos. Tal projeto procurou abordar o tema "Super-heróis" de maneira lúdico e significativo, partindo de uma necessidade surgida no grupo de pré-escolares. A partir da observação das brincadeiras do grupo, notou-se que era grande a preferência das crianças entorno das situações envolvendo a temática de heróis e vilões. O interesse dos pequenos por esse tipo específico de brincadeira ajudou os educadores a pensarem estratégias capazes de levar a turma a superar limites surgidos no dia a dia de suas rotinas. Dentre muitos pontos, ressaltou-se que o trabalho desenvolvido levou crianças e adultos a discutirem questões ligadas às condutas dos heróis e a certos comportamentos socialmente indesejados (brigas, poucas negociações) que estavam acontecendo na turma. Por meio de uma série de atividades – leituras e debates sobre a vida dos heróis, confecções de fantasias, encenações –, as crianças puderam compreender algumas tradições existentes nas (inter) relações estabelecidas entre as mesmas, o que permitiu, também, que fossem trabalhados aspectos associados ao desenvolvimento da moralidade na infância. Nesse sentido, o projeto contribuiu, ainda, para que algumas regras de convivência fossem construídas, acordadas coletivamente e implementadas entre o grupo e seus educadores. Durante esse processo de aprendizado sobre Super-heróis, diferentes linguagens foram utilizadas, dentre as quais destacam-se: a linguagem escrita, a plástica e o faz-de-conta. Nas pesquisas, discussões empreendidas e produções realizadas, também se constatou o grande potencial imaginativo que meninos e meninas demonstraram durante as atividades de criação/elaboração de seus próprios "personagens heróis". Como resultados, educadores, equipe técnica da Creche e famílias perceberam que essas ações influenciaram positivamente na ampliação dos conhecimentos, no desenvolvimento da autonomia da turma, como também auxiliaram na diminuição e superação dos episódios de conflitos.

DO HOMEM DA CAVERNA AO HOMEM MODERNO: UM PERCURSO DE INTERVENÇÃO DO HOMEM NO MEIO AMBIENTE. Costa, E.F.; Martins, E.B.A.; *Januário, S.*

Este trabalho é um relato do percurso de um projeto intitulado "Diga Não ao Lixo no Chão" desenvolvido com crianças de cinco e seis anos de idade, em uma das creches da COSEAS USP, com o intuito de refletir, questionar, pesquisar e realizar vivências sobre a importância dos cuidados para a preservação do meio ambiente. Tomando como partida o interesse das crianças a respeito do Homem da Caverna, o projeto foi avaliado e reorganizado de uma forma a contemplar os interesses das crianças e as intencionalidades das educadoras. **Diga Não ao Lixo no Chão** abordou as relações que o Homem da Caverna exercia com o meio ambiente na antiguidade e as relações que o Homem Moderno estabelece atualmente. Foram levantadas uma série de questões hipótese e soluções para que as crianças e adultos da creche reconstituam estas relações de modo a garantir um maior compromisso e exercício da cidadania.

Este trabalho retrata a experiência de uma educadora que em sua prática descobriu como ajudar as crianças na Creche Carochinha Coseas USP a constituir-se enquanto pessoas superando suas contradições. Pesquisando, entusiasmou-se também com as letras das músicas do compositor Toquinho, os educadores planejaram diferentes atividades buscando refletir com as crianças sobre a construção da identidade do ser humano. A relação da criança com seu nome ou com seu apelido possibilitou aos educadores uma experiência que em educação pode simbolizar o quanto o educador cuida, zela e educa as crianças em espaços coletivos. Para isto os educadores necessitam manter-se atentos a situações do cotidiano aparentemente banais, que não podem e não devem passar despercebidas.

OLHAR, REFLETIR E SE APAIXONAR. *Stella, R. e Januario, S.*

Este trabalho aborda algumas estratégias pedagógicas usadas por uma educadora do módulo da pré-escola (3-7 anos) na Creche Carochinha COSEAS-USP, para lidar e ajudar na inclusão de algumas crianças no grupo que apresentavam determinadas dificuldades de aprendizagens e/ou comportamento. Através da descrição de alguns episódios ocorridos na creche, destaca a importância do olhar atento do educador e sua intervenção adequada para que estas crianças encontrem possibilidades de superarem dificuldades e construam uma auto-imagem positiva, melhorando assim o seu relacionamento com as outras crianças e adultos da creche.

PROJETO INTEGRADOR: UMA POSSIBILIDADE DE INTEGRAÇÃO ENTRE CRIANÇAS DE DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS. *Januario, S.*

Este trabalho retrata o desenvolvimento de dois Projetos chamados de Integradores por terem como objetivo principal trabalhar a integração de todas as turmas de crianças que compõem o Módulo da Pré - escola (3 a 7 anos) da Creche Carochinha - COSEAS/USP. Os Projetos **Olimpiadas 2004** e a **"Arte de Brincar"** retratam um pouco de nossas experiências com as crianças neste sentido, abrindo a possibilidade de crianças de diversas faixas etárias estarem envolvidas em um mesmo eixo de interesse. Para a realização do Projeto Integrador, tornaram-se necessários à organização, o planejamento e a estruturação de vários momentos de rotina, tanto os coletivos quanto os momentos de pequenas turmas. Foram nestes momentos que as crianças e educadores tiveram a oportunidade de conhecerem, resgatarem e valorizarem os jogos e as brincadeiras tradicionais da nossa cultura. Neste processo podemos observar que brincando as crianças aprenderam a fazer escolhas, tomar decisões e lidar com os desafios de forma criativa.

APRENDENDO CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS POSSÍVEIS. *Pantoni, R. V. & Teles, R. C. M.*

Desde muito cedo as crianças se interessam pelas coisas que estão ao seu redor: pessoas, plantas, animais, vento, chuva. Fenômenos que muitas vezes passam despercebidos pelos adultos. Essa experiência relata o trabalho com crianças **pequenas**, em um espaço físico privilegiado, o interesse pela área de ciências sempre influenciou a organização de metas e das atividades

desenvolvidas junto aos diferentes grupos de crianças. Esse trabalho apresentará parte do percurso realizado pela equipe da Creche Carochinha Coseas, USPRP no ensino de ciências para as crianças abaixo de 6 anos, durante 20 anos. A área externa dessa instituição conta com cerca de 8000 m², com várias árvores nativas e frutíferas (Sibipirunas, Ipês, Pau-Brasil, Anoreira, Pitangueira, Mangueira, Goiabeira, Jabuticabeira), com alguns animais de estimação (galinhas, codornas, patos, pavões etc) além de ser um habitat natural para Lagartos Tiús, joaninhas, borboletas, diversos tipos de pássaros, cobras, formigas, sapos etc. Neste quintal rico observa-se o quanto extensa são as oportunidades para as crianças construir conhecimentos nas suas vivências diárias e também o quanto elas se mantêm atentas e concentradas quando querem compreender estes fenômenos. Com base então nas observações, comentários e ações das crianças organiza-se atividades a serem desenvolvidas tendo como orientador aquilo que o grupo demonstrava maior interesse, buscando gradativamente ampliar suas experiências.

PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS EM AMBIENTES EXTERNOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSÍVEIS DIÁLOGOS. *Flauzino, R. H. & Mello, A. M.*

O presente trabalho enfoca parte de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvido no âmbito do curso de Pedagogia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP, no ano de 2006. Ressalta-se, desde já, que o painel busca incorporar as sugestões de melhoria, para publicações futuras, discutidas pela banca de docentes na época de minha apresentação. O TCC inicia-se com discussões sobre a organização e uso dos espaços que vêm sendo feitas já há algum tempo no âmbito educacional. Com relação à educação infantil, os trabalhos voltados para essas temáticas procuram analisar como determinados modos de arranjar e de utilizar os ambientes podem facilitar ou dificultar o desenvolvimento infantil em seus diferentes aspectos. As considerações realizadas nessas pesquisas fazem com que avancemos em determinados aspectos, ao mesmo tempo em que nos instigam investir em outros, os quais ainda não foram totalmente contemplados. É o caso, por exemplo, dos estudos sobre a utilização dos ambientes externos com crianças abaixo de 6 anos. No Brasil, existem poucos trabalhos organizados sobre essa questão, o que nos leva a crer que ela precisa ser mais bem aprofundada. Na tentativa de colaborar com o debate de idéias para essa área educacional, este trabalho realiza discussões sobre a importância de se incorporar os estudos da organização dos ambientes nas programações das instituições de educação infantil. Assim, a partir de uma experiência por nós vivenciada, elegemos como objetivo analisar trechos de falas proferidas por crianças com idades entre 2 e 6 durante suas observações a eventos naturais em atividades realizadas no parque e entorno da Creche Carochinha - COSEAS/USP-RP por meio do projeto pedagógico "A Construção de um Calendário Biológico na Creche Carochinha", sob coordenação de Clarice Sumi Kawasaki e Ana Maria de Araújo Mello. Como resultados, percebemos que as interações promovidas nesses ambientes são muito favoráveis ao desenvolvimento das crianças seja do ponto de vista de ampliação de experiências, do aprimoramento de sua linguagem e/ou do aprofundamento de suas curiosidades.

TEM PIOLHO NA PRÉ-ESCOLA? PARECE PULGA ATRÁS DA ORELHA. *Amaral, M. F. M.; Januario, S.*

A infestação por piolho ou pediculose é uma questão de relevância na infância, principalmente no período em que a criança começa a frequentar a creche ou pré-escola. É uma doença considerada

parasitária pelo controle sanitário e permanece em muitas instituições como um "mau que devemos conviver" ou como um desagradador de "crises" tanto entre as crianças como também entre familiares e instituição. Os achados históricos desta infestação datam de antes de Cristo e na educação tem sido pauta de estudos na área de ciências fazendo levantamento da morfologia do parasita, seu modo de vida, alimentação, longevidade, transmissibilidade, tratamentos químicos e mecânicos. Mas esta área não responde as outras dimensões que envolvem a pessoa acometida de forma que, detecta-se que neste ponto ocorre um hiato entre os conhecimento científico acumulado e o cotidiano educacional da criança acometida. Há por parte da sociedade a crença de que este acometimento está ligado a algumas condições como: higiene, cor, raça, credo ou socioeconômica dos indivíduos. Esses fatores têm demonstrado a ocorrência do parasita em todos as camadas sociais e inclusive nos países desenvolvidos onde há um maior controle de saúde dos indivíduos. Embora as pesquisas apresentem dados relativos a idades maiores que sete anos, no cotidiano de creche e pré-escola, percebemos que esta infestação inicia-se antes, por volta do terceiro ano de vida já podemos encontrar um maior número de indivíduos acometidos por agrupamento. Ainda por volta desta faixa de idade identificamos aqueles indivíduos relacionados nas pesquisas com maior potencialidade de infestação e reincidência, sendo que, devido a esses fatores e a constante repetição de tratamentos medicamentosos acabam por configurarem-se como casos resistentes a tratamentos químicos. Na creche e pré-escola pertence a COSEAS que é uma coordenadoria da Universidade de São Paulo tem as ações de saúde e higienização dos ambientes normatizadas. Esses manuais, tecnicamente respondem a maioria dos procedimentos em caso de surto ou epidemias. No caso da pediculose a orientação normatizada tornaram-se um dilema, pois a orientação de afastamento por dois dias para tratamento suscitava perguntas em relação à frequência das crianças. O ciclo de vida do piolho nos indicava a ineficiência dos tratamentos químicos para as lêndeas, além do fato que, os afastamentos das crianças sugeriam também a perda de oportunidade de junto com estas poderemos pensar, levantar hipóteses, checar, pensar soluções e também de perpetuarem nos grupos e entre as famílias, os comentários relacionados a aqueles indivíduos com reincidência. Analisamos de forma interdisciplinar um grupo de 4,6 a 5,6 anos pelo período de 16 meses. Ao final desta análise observamos uma diminuição considerável no número de acometimentos, como também maior participação e compreensão das crianças e das famílias durante o transcorrer do projeto.

CRECHE COSEAS – USP/SÃO CARLOS

O HOMENZINHO DA CAVERNA. Cardoso, D.B.; Marchetti, M.; Pereira, A. M.

Este projeto foi realizado com um grupo de crianças de 2 a 3 anos – a Turma do Macaco, durante o ano letivo de 2006 e surgiu a partir da coleção "O Homenzinho da Caverna e os Sons que Ele Descobriu" de Silvio Costa. O autor mostra que o Homenzinho da Caverna descobre seu mundo através de suas experiências. A floresta foi o cenário do projeto onde as crianças puderam ter contato direto com a natureza vendo, ouvindo, sentindo. Para isso a sala foi planejada e organizada com o tema-floresta. Vários passeios foram feitos na Creche e fora dela explorando ambientes característicos coletando folhas, andando descalço, ouvindo pássaros e observando insetos. Os educadores construíram um boneco de pano da altura das crianças – o Homenzinho da Caverna. O boneco acompanhou as crianças em piqueniques e participou de atividades. Também ele colaborando com materiais trazidos especialmente da floresta onde morava, como pedras, areia, folhas como também histórias e receitas. O Homenzinho da Caverna passou um final de semana na casa de cada criança da turma. Durante um período do ano ele fez parte da turma.

Posteriormente ele precisou voltar para a floresta, nesta oportunidade os educadores aproveitaram para conversar com as crianças sobre a preservação da natureza, lar do Homenzinho da Caverna, do macaco e de todos os seus amigos, como também se despedir da turma. O Boneco - Homenzinho da Caverna mediou relações de conflitos, aproximou as crianças de desafios, contou e escreveu histórias.

SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA TURMA. Araújo, L. T. P. & Machado, M. J.

Este trabalho relata uma experiência pedagógica, com um grupo de cinco crianças da idade de 2 e 3 anos, na Creche Coseas USP/São Carlos (CCI). Foi observado no início do ano que mesmo com um grupo pequeno de crianças havia necessidades muito diferentes. Uma delas tinha aversão ao toque. Não aceitava ser tocado a não ser pela mãe ou educadora da turma, e procurava manter-se afastado de atividades coletivas buscando só a companhia da educadora. A outra criança, ao contrário, sentia necessidade do toque. Buscava tocar e ser tocado por todos no ambiente da creche. Trabalhou-se esse aspecto desde os primeiros dias do ano, no momento que iniciou-se o trabalho da construção de identidade do grupo, na escolha do nome da turma, organizando os espaços e objetos pessoais e coletivos. Para isso contou-se com o envolvimento e participação das famílias que prontamente atendiam as solicitações das educadoras. Avaliou-se a necessidade de valorizar as interações das crianças entre si e das crianças com os adultos. Os objetivos foram: promover atividades para que as crianças se reconhecessem como parte do meio; organizar espaços e atividades promovendo interações positivas entre as crianças; possibilitar a criança a escolha de objetos, alimentação e amigos de sua preferência; trabalhar as contradições do grupo para o respeito as preferências do outro; exercitar o toque entre as crianças e adultos, permitindo perceber a intensidade do toque.

O QUE FAZER COM A CASCA DA LARANJA? Boriello, B.C; Braga, R.M.H.;

Macedo, A.C.F.

Uma criança de 3 a 4 anos, na Creche da USP – COSEAS, em São Carlos, perguntou após uma refeição: "O que fazer com a casca da laranja? Jogo no lixo comum ou no balde de sobras?" Essa questão motivou os educadores do grupo a trabalhar mais sobre a questão ambiental, de forma que envolvesse pais, alunos e educadores. O objetivo foi levar as crianças e adultos da creche a repensarem sobre os valores relativos à qualidade de vida, favorecendo vivências integradas com o meio ambiente, em que a criança identifique o seu "pertencimento" de forma lúdica. Para tanto, explorou-se com o grupo o meio ambiente da creche e entorno, procurando propiciar sensibilizações com o meio, favorecendo à criança no seu desenvolvimento. A partir disso, montou-se um questionário para levantamento de dados sobre a separação de materiais na casa de cada criança. Posteriormente observou-se que as crianças começaram a saborear mais os alimentos, e se servirem com cuidado, apenas os alimentos que iriam comer. Também foi investigado o destino dos resíduos da creche. Todo resíduo foi enviado para a Composteira da Horta Municipal, passamos a brincar mais com jogos e brincadeiras cooperativas. Esse processo paciente foi fundamental para que a criança participasse ativamente de todo o desenvolvimento: questionando, pesquisando, propondo ações, envolvendo sua família, promovendo ações conjuntas, valorizando a cooperação e interação com o grupo de forma lúdica, além de se apropriar dos conceitos: Reduzir, Reutilizar e Reciclar. O trabalho resultou em atitudes de cuidado em relação à natureza, envolvimento de outros grupos etários da creche na produção

artesanato de papel e oficinas de produções artísticas, a partir de materiais selecionados, houve uma grande sensibilização por parte das famílias que passaram a praticar Coleta Seletiva e resgataram algumas atividades culinárias que as crianças haviam feito. Para finalizar organizou um lanche coletivo no qual cada família preparou um prato aproveitando cascas e talos de frutas e legumes. As crianças organizaram entre elas um amigo secreto, onde o presente foi uma camiseta customizada por elas, valorizando assim, muito mais a presença e os momentos prazerosos do que o consumo inconsciente de objetos industrializados.

A IMPORTÂNCIA DO TOQUE NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Laurenço, M. A.*

O toque é uma necessidade primária, e é indispensável para o desenvolvimento emocional. Educar para o toque é provocar sensações que valorizem a construção da auto-estima, confiança, segurança e a aceitação, qualidades vitais para uma vida equilibrada. Dentro deste contexto o objetivo desse trabalho é o de possibilitar experiências e vivências corporais de modo que a criança abaixo de 6 anos, desenvolva a percepção e sensibilidade de seu corpo, e assim compreenda e respeite o outro, ela mesma e o ambiente no qual ela está inserida. Para alcançar esse objetivo a seguinte metodologia foi utilizada: inicialmente foi estabelecido o vínculo entre a educadora e as crianças, através de visitas, aconchegos, ou brincadeiras; na etapa seguinte foi aplicada uma sequência de atividades: alongamento, atividades corporais de sensibilidade, toque, movimento e relaxamento. Para crianças entre 4 meses e dois anos foi aplicada apenas massagem. Os resultados observados foram os seguintes: as crianças tornaram-se mais calmas; crianças muito tímidas, que no início não queriam participar, foram se envolvendo nas atividades até estarem relaxadas e participantes; crianças que apresentavam dificuldade de relacionamento com outras crianças foram progressivamente se integrando nas atividades de grupo. O trabalho é desenvolvido no CCI – Coseas USP São Carlos.

MINHA CASA. *Macedo, A.C. F e Braga, R.M.H.*

Esse relato de experiência apresenta a forma de como organizamos as visitas nas casas das crianças suas famílias e seus educadores. Esse trabalho foi desenvolvido com criança entre 3 e 4 anos na Creche da USP – Coseas, em São Carlos, tendo como objetivo principal valorizar os ambientes destacando histórias de vida, os costumes e hábitos de cada criança e seus familiares. Foi possível ainda, construir novos conhecimentos sobre cada criança possibilitando o conhecimento de si e do outro, ampliando o respeito à individualidade. Conheceu-se melhor o lugar de cada criança, seus hábitos, a origem de seus desejos. Todas as famílias participaram ativamente, a aceitação e o envolvimento familiar com o grupo e com a Creche foi se ampliando ao longo das visitas. Toda a preparação, os planejamentos para visitas, a organização dos dias provocaram oportunidades de debates, reflexões das divergências e busca de consenso do grupo. Esse exercício, paciente, foi fundamental para selar as relações afetivas estabelecidas durante todo o desenvolvimento desse trabalho. Para tanto organizou-se: roda de conversa com as crianças – destacando suas preferências, suas dúvidas, seus anseios, como são suas casas, as dependências das mesmas e os objetos preferidos; passou-se um questionário – para poder ter maior conhecimento sobre os hábitos e costumes de cada família; com os dados organizados – passou-se as visitas às casas de todas as crianças; como exercício síntese organizou-se o material de registro – fotos, desenhos e comentários das crianças, como também um “Painel Expo” para toda a Creche das fotos e material com maquete e desenhos sobre as visitas. O trabalho provocou

maior compreensão em relação a hábitos, costumes e histórias familiares. Nessa experiência conferiu-se a capacidade humana de se interagir com diferentes meios onde as crianças estão inseridas, bem como as possibilidades e soluções para diferentes contextos e arranjos familiares.

APRENDENDO COM O TRÂNSITO DE SÃO CARLOS. *Roiz, L. & Parras, S. E. M.*

Esse relato de experiência apresenta a forma como trabalhamos a partir do Programa de Educação Trânsito Seguro (PETS) oferecido pela Secretaria de Trânsito de São Carlos, desenvolvendo um projeto com crianças de 5 a 6 anos, no Centro de Convivência Infantil – USP – São Carlos da Divisão de Creches Coseas, buscando compreender a importância da sinalização e das regras de trânsito. Partimos do pressuposto que os hábitos são construídos e incorporados pela convivência e experiência de todas as pessoas ao longo do desenvolvimento humano. A proposta é formar cidadãos críticos e conscientes, preparados para conviver em paz e resolver seus problemas através da informação e do diálogo. Nossos objetivos foram: despertar um pensamento crítico, consciente e auto-crítico; conhecer a sinalização de trânsito referente aos pedestres e se utilizar dela e, se relacionar buscando justiça, dignidade e auto-respeito. Ao longo das atividades aplicadas com as crianças, começamos a refletir no que as crianças poderiam fazer juntamente com as educadoras, para exercer cidadania e garantir que fossem respeitados os direitos dos pedestres. Ao fazermos um passeio, percebemos a dificuldade em atravessar a avenida em frente à nossa Creche e as péssimas condições de sinalização do local. Eles perceberam que o problema estava não só na teoria, mas dizia respeito à própria realidade. Conseguimos levar as crianças ao secretário de trânsito de nossa cidade para exercer seus direitos. Eles explicaram o problema, entregaram as reivindicações por escrito e quando foram atendidos puderam vivenciar a satisfação de sua conquista.

CRIANÇAS NO COMBATE A DENGUE. *Sobral, V. C. D. & Betoni, M. D. A. C.*

A dengue é uma doença causada por um vírus, transmitida de uma pessoa para outra por meio de um mosquito, o *Aedes aegypti*. A proliferação da doença no ano 2006 preocupou os órgãos públicos e a sociedade civil, principalmente na região da cidade de São Carlos, SP. Nessa região foram encontrados vários casos de dengue, inclusive no Campus da Universidade de São Paulo, onde está situada a Creche da USP. A divulgação da problemática da dengue em vários veículos de comunicação provocou nas crianças de idades entre cinco e seis anos da creche CCI, a curiosidade pelo assunto. Tal curiosidade estimulou as educadoras a buscar novas informações sobre o assunto. Percebeu-se então, que as crianças, além de adquirir conhecimentos sobre um tema de relevância social, poderiam de igual modo ser estimuladas a disseminar os conhecimentos conquistados. Através de rodas de conversa, pesquisas com as famílias, leituras compartilhadas, confecção de painéis informativos, produção e participação de peça teatral e coleta de lixo pelo Campus, as crianças foram desafiadas a buscar mais informações sobre os sintomas e formas de prevenção da doença. As famílias, percebendo o interesse das crianças e educadoras pelo projeto, ficaram envolvidas e atendiam com prontidão às solicitações das educadoras, enviando textos e fotos sobre a dengue. Também traziam informações a respeito das mudanças no comportamento das crianças diante da problemática, estas discutiam com suas familiares atitudes de prevenção à proliferação do mosquito da dengue. O projeto possibilitou que as crianças vivenciassem situações que permitiram que as mesmas exercitassem sua curiosidade e seu espírito investigativo e questionador. O desejo de tornar melhor o meio em que se está

inserido e a manifestação da preocupação com o bem estar da comunidade, foram muito estimulados nas crianças que exercitaram atitudes de cidadania. Desta forma o trabalho realizado foi motivador e acabou por envolver toda a Creche e parte do Campus USP - São Carlos.

EU E MINHA TURMA. *Sobral, V. C. D. & Betoni, M. D. A. C.*

O processo de socialização é parte importante na construção da identidade, tão desafiante para a Educação Infantil. Construir identidade é reconhecer-se como parte integrante de um grupo e identificar-se com ele. A identidade não é formada apenas das impressões que temos do nosso grupo familiar, e nem tampouco é somente reflexo das nossas experiências no ambiente socializador. Nesse trabalho, optou-se por uma concepção de relação creche e família, onde as duas partes deveriam compartilhar a educação e o cuidado da criança. Para tanto, por meio de relatos, conversas, vivência, visitas das famílias e trocas de experiências, estreitou-se os laços das famílias com a creche, das famílias entre si, do grupo de crianças entre si e com os educadores. Também procurou-se, através de "rituais de passagem", facilitar e tornar prazeroso o momento de transformação e mudança que as crianças com idade entre cinco e seis anos têm de enfrentar com a saída da Creche para ingresso no Ensino Fundamental. No ano de 2006, devido à mudança do sistema - 9 anos no Ensino Fundamental - houve alguns desafios. Na mesma turma havia crianças que iam embora da Creche e outras que não iam. Dessa forma, os esforços da instituição, foram não apenas para dar segurança e tranquilidade àqueles que iriam para a Escola, como também incluir os que ficariam na Creche, tanto nas atividades diárias, quantos nos "rituais de passagem". Decidiu-se que, as crianças que continuariam na Creche, teriam uma parceria diferenciada na preparação dos momentos de despedida e teriam também um destaque especial nesses momentos. A participação das famílias foi fundamental, pois elas estavam sempre dispostas a negociar com a creche buscando o debate de informações, como também colaborando nos eventos e participando ativamente de cada momento. Os resultados foram positivos para a organização do novo sistema, considerando as necessidades das crianças, buscando informar as famílias sobre as redes estadual e municipal de ensino, como também algumas escolas particulares.

CENTRO DE CONVIVÊNCIA INFANTIL – HC/USP/RIBEIRÃO PRETO

CONSTRUINDO UM PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE CRECHE: ITINERÁRIOS DIALÓGICOS. *Gomes, M. O. & Andrade, E. N. F.*

O presente trabalho relata a experiência de construção de diagnósticos, com vistas à elaboração do Projeto Político Pedagógico de uma Creche (Centro de Convivência Infantil - CCI-HC-USP Ribeirão Preto) de forma coletiva, considerando as vozes dos múltiplos agentes envolvidos nesse processo: crianças, famílias, equipe de apoio, de educadores e de gestão. Busca-se nesse processo dialógico envolver todos os que fazem a educação nesse ambiente institucional, de maneira a identificar: a avaliação sobre o trabalho que realizam, as perspectivas que têm sobre a sua melhoria e a necessária co-responsabilização em eventuais mudanças. O CCI-HC-USP Ribeirão Preto é uma creche situada num ambiente hospitalar, ou seja, uma instituição que atende os filhos de um público servidor da área da saúde. Aliada às questões históricas das creches no Brasil, esse é um fato que contribuiu para que a creche fosse pensada, estruturada e organizada a partir de

uma perspectiva higienista, buscando assegurar à criança cuidados básicos relativos à saúde, o que serviu para acentuar, desse modo, a dicotomia entre cuidados e educação. Atualmente, a creche atende a todas as mães funcionárias do Hospital, bem os filhos das alunas do curso de Graduação e Pós-graduação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e médicas residentes. No total são atendidas 183 crianças. Considerando que a qualidade do trabalho educativo envolve o compromisso dos educadores no processo e nos resultados das ações empreendidas, busca-se, para a realização do diagnóstico a que nos referimos, e posteriormente, para a elaboração do Projeto Político Pedagógico, situá-lo num contexto de apoio e de reconhecimento profissional, tendo como base a construção de relações de confiança entre as equipes de trabalho, de maneira à co-responsabilizá-las com as eventuais alterações que seriam necessárias e viabilizar naquele contexto, culturas de colaboração. Houve nesse processo, incentivo à que as educadoras voltassem a estudar, a implementação de uma rotina de planejamento das atividades, com a interlocução de uma pedagoga recém contratada, e o cuidado de buscar fazer junto, atividades educativas com as crianças, na perspectiva de construir um saber-fazer educativo e pedagógico novo naquela história institucional. Ainda não dispomos de resultados do diagnóstico, por estarmos na fase de realização dos questionários e das atividades expressivas com as crianças. Objetivamos que esse processo participativo engendre uma cultura de participação e de co-responsabilização com os rumos institucionais da unidade, ao mesmo tempo em que poderá colocar em relevo as concepções de atendimento educacional à criança pequena em creches, dados esses necessários para efetuarmos problematizações acerca da função social das creches para os dias de hoje, inseridas que estão no âmbito da educação e primeira etapa da educação básica, fazendo emergir nesse processo, alguns indicadores de qualidade referenciados naquele contexto institucional.

SUMÁRIO REMISSIVO

1. Iniciando mais um Encontro do CINEDI 3
2. Programa do XII Encontro Científico do CINEDI 4
3. Resumos por EIXO TEMÁTICO 5
4. Relatos de Experiência 33

RESUMOS POR EIXO TEMÁTICO

A. EIXO TEMÁTICO: PROCESSOS DE ACOLHIMENTO E ADOÇÃO

A.1. Pós-Doutorado

FAMÍLIAS ACOLHEDORAS: UMA ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO. *Costa, N.R.A. & Rossetti-Ferreira, M.C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

CRIANÇA ADOTADA: UM FRACASSO NA ESCOLA? ESTUDO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS 'DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM' EM CRIANÇAS ADOTIVAS. *Teixeira, S. C. de P. & Rossetti-Ferreira, M. C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A.2. Doutorado

ADOÇÕES PRONTAS OU DIRETAS: BUSCANDO CONHECER SEUS CAMINHOS E PERCALÇOS. *Mariano, F.N. & Rossetti-Ferreira, M.C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

O ABRIGAMENTO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DE IDADE EM RIBEIRÃO PRETO: CARACTERIZANDO ESSE CONTEXTO. *Serrano, S. A. & Rossetti-Ferreira, M. C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A.3. Mestrado

EDUCOMUNICAÇÃO E CRIANÇAS ABRIGADAS: UM ESTUDO DE CASO DE UMA OFICINA DE TV. *Mike, H. S. & Caldana, R. H. L.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A.4. Iniciação Científica

NARRATIVAS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES ADOTADOS E/OU INSTITUCIONALIZADOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA REDE DE SIGNIFICAÇÕES. *Buffa, C. G.; Teixeira, S. C. P.; Rossetti-Ferreira, M. C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A PERSPECTIVA DA CRIANÇA SOBRE SEU PROCESSO DE ABRIGAMENTO. *Silva, F.L.; Solon, L.A.G.; Rossetti-Ferreira, M.C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

O ABRIGO SOB A PERSPECTIVA DA CRIANÇA. *Garzella, M. C. & Silva, A. P. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

B. EIXO TEMÁTICO: A CONSTRUÇÃO DA INTERSUBJETIVIDADE

B.1. Doutorado

AS EXCEÇÕES E SUAS REGRAS: TRAJETÓRIAS ESCOLARES PROLONGADAS NAS CAMADAS POPULARES. *Piotto, D. C. & Rossetti-Ferreira, M. C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

C. EIXO TEMÁTICO: O PAPEL DO ARRANJO ESPACIAL COMO PROPORCIONADOR DE RESSIGNIFICAÇÕES DO AMBIENTE

C.1. Doutorado

TROCAS SOCIAIS DE CRIANÇAS DE 1-2 ANOS E ARRANJOS ESPACIAIS EM CRECHES. *Bonifini, J. & Campos-de-Carvalho, M. I.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

QUALIDADE DE AMBIENTES EDUCACIONAIS INFANTIS EM DOCUMENTOS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS. *Souza, T. N. de & Campos-de-Carvalho, M. I.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

C.2. Mestrado

SALA DE DESCANSO EM EMPRESAS DE TELEMARKETING E AFASTAMENTOS POR DOENÇAS LABORAIS. *Almeida, V. H. & Campos-de-Carvalho, M. I.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

C.3. Iniciação Científica

PRIVACIDADE: UMA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO EM MORADIA UNIVERSITÁRIA. *Mendes, N. G. & Campos-de-Carvalho, M. I.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

D. EIXO TEMÁTICO: O SIGNIFICADO DE SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO

D.1. Doutorado

O SENTIDO DE TEMPO, SEGUNDO FREUD E HEIDEGGER. *D'Ávila Lourenço, L.C. & Furlan, R.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

E. EIXO TEMÁTICO: FIGURAS DO SI MESMO OU NOÇÕES DE SUBJETIVIDADE

E.1. *Iniciação Científica*

INCONSCIENTE E SEXUALIDADE NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY. 18
Oliveira, V. H. & Furlan, R. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

F. EIXO TEMÁTICO: A EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA REDE DE SIGNIFICAÇÕES

F.1. *Mestrado*

O PAPEL POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO 19
ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A CRIANÇA. *Lima, L. P. & Silva, A. P. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

RETRATOS DE MINHA CRECHE: OS OLHARES E DIZERES DAS CRIANÇAS 20
PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. *Jabur, M. A. & Silva, A. P. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

F.2. *Iniciação Científica*

RESGATANDO A MEMÓRIA DO CENTRO DE INVESTIGAÇÕES SOBRE 21
DESENVOLVIMENTO HUMANO E EDUCAÇÃO INFANTIL (CINEDI-USP): SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL. *Darahem, G. C. & Silva, A. P. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

O MASCLINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Souta, M. I. de & Silva, A. P. S.* 21
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

CRECHES DOMICILIARES EM RIBEIRÃO PRETO. *Paschoal, L. P. & Silva, A. P. S.* 22
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

G. EIXO TEMÁTICO: PROCESSOS DIALÓGICOS E INDISSOCIABILIDADE DE CORPO, MENTE E CULTURA

G.1. *Doutorado*

O VIVER COM EPILEPSIA. A PARTIR DA PERSPECTIVA DA CRIANÇA. *Anjos, A. M.; Amorim, K. S.; Rossetti-Ferreira, M. C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

LEIS, REGULAMENTAÇÕES, DECRETOS... GARANTEM A INCLUSÃO 24
ESCOLAR? *Roriz, T. M. S., Amorim, K. S., Rossetti-Ferreira, M. C.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

O MOVIMENTO COMO LINGUAGEM EXPRESSIVA NA EDUCAÇÃO 25
INFANTIL. *Oliveira, N. R. C. & Oliveira, Z. M. R.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

G.2. *Mestrado*

RECURSOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS POR BEBÊS EM INTERAÇÃO COM 26
DIFERENTES INTERLOCUTORES EM CRECHE: UM ESTUDO DE CASO. *Elmôr, L. N. R. & Amorim, K. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

G.3. *Iniciação Científica*

10 ANOS DE INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES 27
ESPECIAIS, EM ESCOLAS ESTADUAIS DE RIBEIRÃO PRETO: MAPEAMENTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA. *Carlos, E. P.; Roriz, T. M. S.; Amorim, K. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

PAIS (RE)DES(CO)CONSTRUINDO CONCEPÇÕES, NO PROCESSO DE 28
DIAGNÓSTICO TOPOGRÁFICO DA EPILEPSIA DO FILHO, DURANTE INTERNACÃO EM SERVIÇO DE CIRURGIA DE EPILEPSIA. *Crempe, J. C. & Amorim, K. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A LINGUAGEM, DIALOGISMO, O PRIMEIRO ANO DE VIDA E O SURDO 29
DISCUTIDOS A PARTIR DE UM PERCURSO PELA LITERATURA CIENTÍFICA. *Rodrigues, L. A. & Amorim, K. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

COMO OS BEBÊS OUVINTE E SURDO CONSTITUEM-SE ENQUANTO 30
SUJEITOS DA LINGUAGEM? *Rodrigues, L. A. & Amorim, K. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

ESTUDO DO PROCESSO DE "ABREVIACÃO", EM RELAÇÕES DE BEBÊS COM 30
SEUS PARES DE IDADE. *Costa, C. A. e Amorim, K. S.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

DEZ ANOS DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS EM 31
ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO REGULAR EM RIBEIRÃO PRETO. *Martins, I. B.* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

CRECHE CAROCHINHA COSEAS - Usp/RIBEIRÃO PRETO

- CONSTRUINDO IDENTIDADES: CRIANÇAS, EDUCADORES E INSTITUIÇÃO. *Januário, S.* 34
- O TAPETE MÁGICO: O ANUNCIADOR DAS NOVIDADES. *Gomes, S. H. P. P.; Martins, M. A.; Costa, E.* 34
- CONHECENDO A PRAÇA. *Giovani, A. L. F. & Oliveira, R. S.* 34
- INICIAÇÃO À GEOMETRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA HISTÓRICO-CULTURAL COM BASE NO UNIVERSO LÚDICO DO SÍTIO DO PICA-PAU-AMARELO. *Andrade, E. N. F. & Flauzino, R. H.* 35
- O ESTUDO DE SEMENTES COMO FORMA DE CONTAR SOBRE A BIODIVERSIDADE. *Gonçalves, J. T.* 36
- A TURMA DA CENTOPÉIA. *Ramos, T. H. F. & Raguazi, L. G. S.* 36
- HERÓI, EU POSSO SER! UM EXEMPLO DO DESENVOLVIMENTO DA MORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Flauzino, R. H. & Stella, R.* 37
- DO HOMEM DA CAVERNA AO HOMEM MODERNO: UM PERCURSO DE INTERVENÇÃO DO HOMEM NO MEIO AMBIENTE. *Costa, E. F.; Martins, E. B. A.; Januário, S.* 37
- O MENINO QUE NÃO GOSTAVA DO APELIDO. *Martins, E. B. A. & Januário, S.* 38
- OLHAR, REFLETIR E SE APAIXONAR. *Stella, R. e Januário, S.* 38
- PROJETO INTEGRADOR: UMA POSSIBILIDADE DE INTEGRAÇÃO ENTRE CRIANÇAS DE DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS. *Januário, S.* 38
- APRENDENDO CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS POSSÍVEIS. *Pantoni, R. V. & Teles, R. C. M.* 38
- PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS EM AMBIENTES EXTERNOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSÍVEIS DIÁLOGOS. *Flauzino, R. H. & Mello, A. M.* 39
- TEM PIOLHO NA PRÉ-ESCOLA? PARECE PULGA ATRÁS DA ORELHA. *Amaral, M. F. M.; Januário, S.* 39

CRECHE COSEAS - Usp/SÃO CARLOS

- O HOMENZINHO DA CAVERNA. *Cardoso, D. B.; Marchetti, M.; Pereira, A. M.* 40
- SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA TURMA. *Araújo, L. T. P. & Machado, M. J.* 41
- O QUE FAZER COM A CASCA DA LARANJA????????? *Boriollo, B. C.; Braga, R. M. H.; Macedo, A. C. F.* 41
- A IMPORTÂNCIA DO TOQUE NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Lourenço, M. A.* 42
- MINHA CASA. *Macedo, A. C. F. e Braga, R. M. H.* 42
- APRENDENDO COM O TRÂNSITO DE SÃO CARLOS. *Roiz, L. & Parras, S. E. M.* 43
- CRIANÇAS NO COMBATE À DENGUE. *Sobral, V. C. D. & Betoni, M. D. A. C.* 43
- EU E MINHA TURMA. *Sobral, V. C. D. & Betoni, M. D. A. C.* 44

CENTRO DE CONVIVÊNCIA INFANTIL - Hc/Usp/RIBEIRÃO PRETO

- CONSTRUINDO UM PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE CRECHE: ITINERÁRIOS DIALÓGICOS. *Gomes, M. O. & Andrade, E. N. F.* 44

Comissão Organizadora do XII Encontro Científico do CINDEDI

- ALDA DO PRADO ROMA
- CAROLINA GOBATO BUFFA
- FERNANDA LACERDA SILVA
- JAQUELINE CRISTINA MARQUES CREMPE
- LUCIANA APARECIDA RODRIGUES
- LUCIANA PEREIRA DE LIMA
- MARA ISIS DE SOUZA
- RONIE CHARLES F. ANDRADE
- TATIANA NORONHA DE SOUZA
- TÍCIANA MELO DE SÁ RORIZ
- VÍCTOR HUGO DE ALMEIDA

Organizadores do Livro de Resumos

- MARA ISIS DE SOUZA
- RONIE CHARLES F. ANDRADE
- TATIANA NORONHA DE SOUZA
- TÍCIANA MELO DE SÁ RORIZ
- VÍCTOR HUGO DE ALMEIDA

Capa

- RONIE CHARLES F. ANDRADE